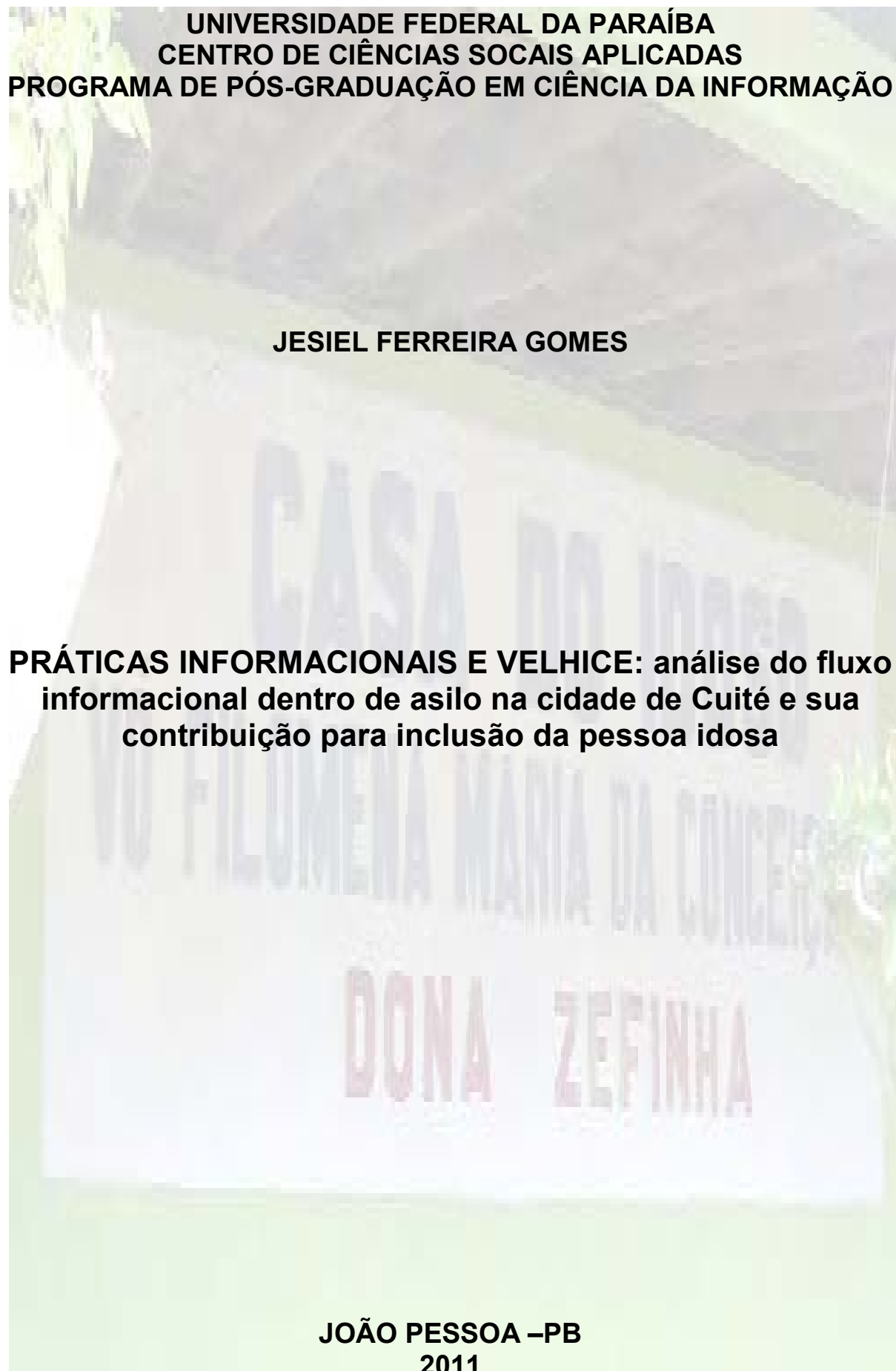




**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

JESIEL FERREIRA GOMES

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS E VELHICE: análise do fluxo
informacional dentro de asilo na cidade de Cuité e sua
contribuição para inclusão da pessoa idosa**

**JOÃO PESSOA –PB
2011**

JESIEL FERREIRA GOMES

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS E VELHICE: análise do fluxo
informacional dentro de asilo na cidade de Cuité e sua
contribuição para inclusão da pessoa idosa**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-graduação da Universidade
Federal da Paraíba como requisito para
a obtenção do título de Mestre em
Ciência da Informação.

Orientadora: Dr^a Isa Maria Freire

JOÃO PESSOA - PB
2011

PRÁTICAS INFORMACIONAIS E VELHICE: análise do fluxo informacional dentro de asilo na cidade de Cuité e sua contribuição para inclusão da pessoa idosa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 04 de Agosto de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Isa Maria Freire
Orientadora (UFPB – PPGCI)

Dra. Emeide Nóbrega Duarte
Membro interno (UFPB – PPGCI)

Dr. Ramilton Marinho Costa
Membro externo (UFCG – CES)

Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire
Suplente (UFPB – PPGCI)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

G633p

Gomes, Jesiel Ferreira.

Práticas informacionais e velhice: análise do fluxo informacional dentro de asilo na cidade de Cuité e sua contribuição para inclusão da pessoa idosa. / Jesiel Ferreira Gomes – João Pessoa: PPGCI – CCSA - CDI, 2011.

107 fl.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – PPGCI – UFPB, 2011.

Orientadora: Dr^a Isa Maria Freire.

1. Práticas informacionais - velhice. 2. Fluxo informacional - velhice. 3. Asilo – fluxo informacional. 4. Idosos asilados - informação. I. Título.

CDU

028:613.98

A Raimundo Alves Gomes e Francisca Ferreira de
Sousa (*in memoriam*), meus pais, que deixaram
minha maior herança: a educação.

Teresa, Jesiel Júnior, Daniel e Miguel Renan,
minha família, suporte de todos os momentos.

Dedico a vocês.

AGRADECIMENTOS

Dentre as coisas mais difíceis de fazer, agradecer é, sem sombra de dúvidas, uma das mais complicadas de concretizar. Pois, neste terreno, ou você é justo com todos que colaboraram contigo, e desta feita, extrapola o bom senso das páginas, ou emite poucos, deixando de fora muitos, e com isso, caindo na zona perigosa de ser injusto com aqueles que tanto lhe serviram. Mesmo assim, tentaremos. Já pedindo desculpas por qualquer ausência.

Primeiramente agradeço a Deus, por servir de fonte de inspiração e força para todos os dias, fundamentalmente, nos dias em que saia de casa ainda escuro, enfrentava uma estrada sinuosa e, quatro horas depois, estava junto aos meus amigos, assistindo a aulas muito produtivas e enriquecedoras. Como também no retorno ao meu lar, sempre seguro e protegido.

Agradeço a todos os professores do PPGCI, desde quando fui aceito como aluno especial, passando pela seleção (que foi uma inquisição particular) até todas as disciplinas cumpridas, muito obrigado.

Minha orientadora, não poderia esquecer, que desde o primeiro encontro para ter uma carta de aceite, percebi que teríamos uma relação muito produtiva, e que, tanto eu quanto ela, ensinaríamos muito um ao outro. Nossa química foi desde o início perceptível, às vezes em ebulição, às vezes em estado inerte, mas, sempre focando nos objetivos aos quais queríamos alcançar. Obrigado pela ajuda e confiança em deixar sua turma de discentes para comigo, espero ter sempre superado suas expectativas, e que esta parceria não fique apenas neste trabalho.

Ao Antônio, por ter sido sempre um anjo nos momentos mais difíceis, e um amigo nas horas mais descontraídas de nosso convívio.

Aos bibliotecários da biblioteca setorial e central, pelas orientações e apoio logístico com os materiais de que precisei.

Ao Comandante Ramilton, chefe dedicado e inspirador, não somente por sua paciência, competência e exemplo, mas principalmente por ter a sabedoria de deixar as pessoas livres para executarem suas responsabilidades. Também obrigado pela ajuda nos ajustes dos horários de trabalho e por ter acreditado nesta empreitada. Agradeço imensamente.

Meus colaboradores, e colegas de trabalho em Cuité, vocês foram fundamentais em segurar minha ausência e em cumprir, milimetricamente, a todos os pedidos feitos. Sem vocês, a Biblioteca do CES não seria o modelo de gestão que é. Obrigado!

Aos meus queridos idosos, residentes no Asilar, não somente por este momento de pesquisa, mas por todos esses quatro anos de convívio, espero sempre colaborar para o melhoramento da vida de vocês.

Aos meus irmãos, Josibias e Josenildo, tanto no apoio material quanto no apoio fraternal, muito agradecido por vocês estarem sempre junto a mim.

Aos meus sogros, que sempre depositaram todas as fichas em meu sucesso, e que me inspiraram a ir mais longe, cada vez mais, pois, hoje, devo muito a geração deles pela luta contra um regime que tolhia nossa liberdade, mas, felizmente, não existe mais. O Brasil deve muito a vocês, obrigado.

Aos amigos que conquistei neste período de convívio e compartilhamento de vida, certamente Marcio, André e Dennysson (acho que escrevi certo), vocês fazem parte de um rol seleto de pessoas que considero amigos. Não somente eu, mas meus filhos também gostam muito de vocês, espero que possamos estar sempre em harmonia e frequentemente nos encontrando pela vida, agradeço a vocês.

A todos os demais amigos de turma, vocês, cada um, contribuíram para este momento, mesmo que indiretamente, ou diretamente. Ronaldo, seu metier foi perfeito!

*Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
[...]
Nosso suor sagrado
É mais belo
Que esse sangue amargo
E tão sério
E selvagem! Selvagem! Selvagem!
[...]
Somos tão jovens...
Tão jovens! Tão jovens!*

TEMPO PERDIDO — Renato Russo

RESUMO

Voltar o olhar científico para um estrato social, e nele fazer pesquisas e inserções que visam o seu entendimento é um pilar de fundamental importância para as ciências sociais. Mais importante ainda quando este estrato é constituído de pessoas alijadas do convívio social, separadas e isoladas dos demais, como é o caso dos idosos asilados como um todo. A velhice tem duas vertentes que cotidianamente se distanciam em pólos opostos, onde por um lado há os idosos com potencial econômico e inseridos em um meio social no qual consomem e participam ativamente das decisões familiares e sociais. De outro, um contingente de pessoas esquecidas em locais denominados asilos. Muitas das vezes, essas pessoas, não dispõem de recursos financeiros, e nem de saúde, para ter atividade na sociedade que o circunda. Com estes últimos, o trabalho ora apresentado se apresenta com o intuito de responder se o fluxo informacional, oriundo das práticas informacionais, pode contribuir para a inserção dos idosos asilados, na cidade de Cuité – PB, na sociedade e contribuir para a sua plena cidadania. Para o intento utilizou-se como metodologia a pesquisa descritiva, a fim de servir de base para estudos e ações futuras que possam vir a ser desenvolvidas. Com os dados obtidos, é fato relevante perceber que não há condições, para a maioria dos idosos asilados, de participar de forma plena do fluxo informacional do asilo, em virtude de fatores como: necessidades especiais, cultura em que está inserido, modo de vida limitado pelas condições estruturais em que viveu, falta de recursos econômicos e desinteresse pela vida, propriamente dito. Todavia, o estudo foi revelador em permitir que outros possam, a partir deste ponto, seguir trilhas para constituição de conhecimento que possam solucionar as evidentes falhas que nós, enquanto membros da sociedade da informação, deixamos ao não voltar nosso olhar também para estes sujeitos sociais, pois seu isolamento físico (asilo) não significa propriamente intelectual e de necessidades de informação.

Palavras-chave: Práticas informacionais – velhice. Fluxo informacional – velhice. Asilo – fluxo informacional. Idosos asilados – informação.

ABSTRACT

Back scientific scrutiny to a social stratum, and it inserts that do research and seek his understanding is one pillar of fundamental importance for the social sciences. More importantly, when this layer is made up of people shut out from society, separated and isolated from others, such as the institutionalized elderly as a whole. Old age has two strands that daily distance themselves at opposite poles, where on the one hand there are the elderly with economic potential and embedded in a social environment in which they consume and participate actively in social and family decisions. On the other hand, a number of people in forgotten places called asylums. Often, these people do not have the financial resources, nor health, to have activity in the society that surrounds him. With the latter, the work presented here is presented with the purpose of responding to the flux of information, drawn from the information practices may contribute to the inclusion of the institutionalized elderly in the town of Cuité - PB, society and contribute to their full citizenship . For the purpose it was used as a descriptive research methodology in order to serve as a basis for future studies and actions that may be developed. With the data obtained, it is important to realize that indeed there are no conditions for most of the institutionalized elderly, to participate fully in the information flow of asylum, due to factors such as special needs, culture in which it is inserted, way of life limited by structural conditions in which he lived, lack of economic resources and lack of interest in life itself. However, the study was revealing to allow others to, at this point, following trails for the creation of knowledge that can solve the obvious flaws that we, as members of the information society, we do not come back to us also look at social individuals because its physical isolation (asylum) itself does not mean intellectual and information needs.

Keywords: informational Practices - old age. Information flow - old age. Asylum - information flow. Institutionalized elderly - information.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de representação das PI.....	35
Figura 2 - Modelo do fluxo de informação.....	39
Figura 3 – Fluxo informacional do Asilar.....	83
Figura 4 – Fluxo informacional do Asilar entre os idosos.....	84
Figura 5 – Fluxo informacional do Asilar com a comunidade externa.....	85
Figura 6 – Modelo do fluxo de informação ideal para o Asilar.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Considerações a respeito do início da velhice.....	51
Quadro 2 – Características sócio-demográficas dos sujeitos pesquisados.....	70
Quadro 3 – Descrição das entrevistas.....	76
Quadro 4 – Entrevista com a diretora do Asilar.....	79

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Fachada com nome do asilo.....	16
Foto 2 – Idosos residentes no Asilar.....	26
Foto 3 – Idosos residentes no Asilar.....	28
Foto 4 – Idosos residentes no Asilar.....	58
Foto 5 – Vista da fachada do Asilar.....	61
Foto 6 – Idosos residentes no Asilar.....	68
Foto 7 - Diretora do Asilar.....	88
Foto 8 – Pesquisador e Diretora do Asilar.....	91
Foto 9 – Idosos residentes no Asilar.....	99

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CES -	Centro de Educação e Saúde
CI -	Ciência da Informação
PI -	Práticas Informacionais
PPGCI -	Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação
TCI -	Tecnologia de Informação e Comunicação
UFCG -	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB -	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – TEMPO DE GESTAÇÃO.....	16
1.1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1.1 Justificativa: contextualizando o problema.....	22
CAPÍTULO II – NASCIMENTO PARA O MUNDO.....	26
2.1 OBJETIVOS.....	27
2.1.1 Geral.....	27
2.1.2 Específicos.....	27
CAPÍTULO III – INFÂNCIA E PUBERDADE.....	28
3.1 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SUA PERSPECTIVA SOCIAL.....	29
3.2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS: o tripé da ciência da informação	35
3.3 FLUXO INFORMACIONAL: uma corrente contínua e cíclica.....	43
3.4 TERCEIRA IDADE: breve histórico.....	46
3.5 A TERCEIRA IDADE: sua idade biológica e cronológica.....	48
3.6 INSTITUCIONALIZAÇÃO DO IDOSO.....	52
3.6.1 As instituições asilares: definições e características.....	53
3.6.2 Inserção do idoso em asilos.....	54
CAPÍTULO IV – MATURIDADE.....	58
4.1 METODOLOGIA.....	59
4.1.1 Local de estudo.....	59
4.1.2 Corpus.....	62
4.1.3 Instrumento de coleta de dados.....	66
CAPÍTULO V – MELHOR IDADE.....	68
5.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	69
5.2 CONVERSANDO COM OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	79
CAPÍTULO VI – VELHICE COM SABEDORIA.....	88
6.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89

REFERÊNCIAS.....	91
APÊNDICES.....	99
Apêndice A – Certidão do comitê de ética.....	100
Apêndice B - Instrumento de coleta de dados.....	101
Apêndice C – Instrumento de coleta de dados com a diretora.....	103
Apêndice D – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	105
Apêndice E – Folder da pesquisa.....	106



Foto 1 – Fachada com nome do asilo
Fonte: Arquivo pessoal.

Capítulo I - Tempo de Gestação

1.1 INTRODUÇÃO

Mais do que entender, ou querer explicar, fenômenos sociais advindos da ação humana em convívio social, temos que a informação é um produto que nos dias atuais permeia e determina os tipos de contratos sociais existentes, ou seja, as relações sociais nas quais os sujeitos serão atores protagonistas ou meros coadjuvantes.

Para ilustrar o que dissemos acima, podemos destacar um trecho da obra de Burke (2003, p. 54) quando narra o seguinte episódio:

Em 1654, em Leiden, um sinólogo católico italiano encontrou um arabista protestante holandês. O encontro era implausível, mas foi frutífero, os dois homens – como muitos de seus contemporâneos – estavam interessados em problemas de cronologia comparada, mas precisamente na sincronia. Jacob Golius, professor árabe em Leiden, não sabia chinês, mas suspeitava que a cronologia de Ulugh Beg, estudioso muçulmano do século XV, se baseava em fontes chinesas. Martino Martini, jesuíta italiano que passara boa parte de sua vida como missionário na China e estudara algumas dessas fontes chinesas, não sabia árabe. No entanto, quando ambos traduziram seus textos para sua língua comum, o latim, os elos entre o islã e a China se tornaram aparentes.

Com isso é certo que deter informação, e mais ainda ter acesso a ela, é fator preponderante para que os sujeitos possam assumir papéis sociais de maneira a ter o reconhecimento dos seus pares ou não. De outra forma, a informação é insumo de estímulo e responsável pela conseqüente evolução da sociedade humana, ao tempo que se evolui em concomitância com essa.

Para González de Gómez (2006, p. 77):

Em diferentes momentos, a informação foi tematizada como expressão de um domínio em que se resolveriam alguns dos principais problemas de integração das sociedades modernas – de conhecimentos, de práticas de pesquisa, de meios e linguagens. Ao mesmo tempo, o que se designa como informação mudava de contexto, ao ponto que a integração ora seria de cunho sócio-epistemológico (ciência orientada a missão, interdisciplinaridade), ora de cunho tecnológico (convergência, digitalização, padrões, gestão). [...] Acreditamos, de maneira simplificada, que nesses deslocamentos se produz um escamoteio de um “uso” moderno do conceito de informação, anterior à, por vezes mal entendida, teoria da informação, considerando-a insumo de um saber útil e prático.

Nesta conjuntura é fato que a Ciência da Informação (CI) tem como insumo de evolução a própria e constante evolução da sociedade em que está inserida, tendo forte relação com a cultura regional, pois mesmo uma sociedade tendo evoluído em um certo grau não significa que outra sociedade, em outro local, tenha evoluído de forma igualitária, e portanto, a CI tem o caráter de ser uma ciência em constante modificação e evolução, ao tempo que a informação também assemelha-se com essa mesma característica.

Podemos cotejar que para as sociedades consideradas menos desenvolvidas que a nossa, e que foram as responsáveis pelos primeiros movimentos do homem no planeta Terra, a informação não fora tratada de maneira a ser de fundamental importância para à sobrevivência dessas sociedades, do homem e de sua permanente intervenção em seu meio. Tanto é verdade que se não fosse dessa feita, agora em meu lugar estaria um hominídeo, ou qualquer outro descendente dos homens das cavernas, digitando este texto. Muito embora, mesmo sem saber, a informação já era entremeada em seu meio e fazia com que os primeiros homens a habitar o planeta pudessem se sobrepor aos demais utilizando-se da informação como ferramenta primordial de sobrevivência e de superioridade frente aos demais indivíduos e animais com os quais convivia, como afirma Freire (2004, p. 17):

No período, quando ainda não existia o registro escrito das informações, estas eram transmitidas e perpetuadas através de narrativas míticas¹, que davam conta tanto das informações práticas para o grupo social, como, por exemplo, o local onde havia mais caça, em determinada época do ano, ou a criação de um arquétipo coletivo informacional para atender às necessidades da comunidade. Em outras palavras, a informação sempre foi fundamental para o desenvolvimento da sociedade humana, propiciando o seu crescimento e, conseqüentemente, trazendo progresso para a população.

Ainda, em conformidade com Freire (2004, p. 17), temos que:

Assim, desde o momento inicial da evolução da humanidade, a informação, no sentido geral de comunicação, esteve presente através da técnica e da linguagem, ou seja, da maneira de fazer determinados objetos, como roupas, armas, armadilhas, mapas,

¹ Destarte, conforme Freire (2001, p.140) “as narrativas míticas parecem ocultar informações que descrevem e explicam fenômenos físicos, biológicos e humanos, observados, descritos e registrados com a diversidade de formas da memória cultural da espécie”.

entre outros, e da forma de transmitir o conhecimento sobre esse “fazer”.

Ao tempo que a informação destaca-se como sendo um insumo necessário para a evolução da sociedade, e conseqüentemente da evolução do homem perante seus rivais, se inicia um ciclo de produção de bens e produtos atrelados a essa ferramenta - tais como os códigos legislativos, computadores, mecanismos industriais, meios de transporte automotores, eletricidade, entre outros - que permitiram ao homem modificar seu meio ambiente, modificar as formas de relação entre ele e os demais seres vivos da Terra, e permitiu principalmente ao homem modificar-se internamente.

Com os variados graus de relevância que a informação assumiu perante os seres sociais, foram surgindo novas sociedades e novos sujeitos sociais, tanto que tivemos a sociedade industrial, a sociedade pós-industrial e, neste momento, a sociedade da informação.

Na primeira, a sociedade industrial, o fato determinante foi preponderância da técnica sobre a natureza, ou seja, o homem consegue reproduzir a natureza, explorá-la e manipulá-la com a utilização das ferramentas que cria e faz uso.

Na sociedade pós-industrial é a comunicação o elemento de fundamental interesse, mas a comunicação mediada por recursos tecnológicos e máquinas ao passo que o homem vai se escolarizando e modificando suas formas de trocas sociais.

Por fim, ou melhor, neste momento, vivemos na sociedade da informação que tem como *mix* a utilização de técnicas, máquinas, tecnologia, recursos naturais, introdução do homem em meios até então longínquos, tendo como parâmetro a informação. Corroborando com Habermas (1989 *apud* Texeira, 1993, p.14–15),

A instrumentalização da sociedade moderna transformou os processos informacionais em processos que prescindem dos espaços de interlocução, pois a informação já é o produto pronto e acabado de tais espaços. A informação atinge o sujeito como se fosse algo exterior a sua ação no mundo, como se esse sujeito fosse mais paciente do que agente de informação.

Em todos esses casos, percebemos que a informação tendo evoluído e permitido ao homem evoluir, não significou dizer que as relações sociais, pautadas fundamentalmente pelas relações econômicas, melhoraram a vida da maioria das

peessoas, ou mesmo que a relação do homem com o seu meio tenha sido benéfica para ambos os lados. Essa é, portanto, uma discussão que não nos cabe aqui elencar elementos para uma corrente ou outra.

O que é fundamental emergir para nossa discussão é que a CI vem acompanhando os percursos epistemológicos da informação e também sociais, de maneira que ter seu objeto sempre em constante modificação — e melhoramento —, é fator corriqueiro e perceptível no meio acadêmico científico.

É bem explícito que no caso dos trabalhos elaborados como projetos de pesquisa científica do programa de pós-graduação em CI, a maior parte destes tem como paradigma de estudo o social. Mas é fato que há até pouco tempo atrás, haveríamos de perceber que em sua maioria os projetos eram voltados para o paradigma físico, pois, a informação estava enraizada nos trâmites tecnológicos e nas redes frias e diretas da fibra ótica e *bits* que significavam informação. Isso também está associado ao fato de que a CI era até então entendida como sendo uma ciência atrelada à sociedade moderna, e hoje é vista como ciência pós-moderna, assim afirmam diferentes estudiosos da área como Cardoso (1996), Freire (2006), Cronin (2008) entre outros.

A CI é determinante para a sociedade assim como a sociedade e suas práticas informacionais (PI) são determinantes para essa ciência, em uma relação recíproca e de fundamental interesse para a existência de uma como da outra. Neste arcabouço, tem especial destaque o envelhecimento da população. Este que é um dos maiores triunfos da humanidade e também um dos nossos maiores desafios.

Ao entrar no século XXI, o envelhecimento global causou um aumento das demandas sociais e econômicas em todo o mundo. De acordo com Vechiato (2010, p. 85), “pesquisas recentes demonstram que, em paralelo à diminuição da taxa de natalidade, aumenta-se a expectativa de vida da população mundial”.

Em se tratando do Brasil, podemos afirmar que a população brasileira está envelhecendo assustadoramente e que muitos de nós ainda continuamos indiferentes a essa questão, talvez, pelo fato do Brasil ter sido considerado o país dos jovens, onde a juventude formava a maioria da população.

O que devemos fazer e o que esperar de uma sociedade desiludidamente jovem que começa a envelhecer rapidamente? Quais valores desaparecem e quais outros surgem, nesse constante processo de transformação? Estamos aceitando a velhice como um fenômeno social e estamos preparados para conviver com ele?

Assim, Simões (1998, p. 29) “entende que a velhice não significa uma decadência e sim uma sequência da vida”. Na mesma linha de pensamentos apontamos Salgado (1997, p. 18 *apud* GOMES; CASTRO, 2007), que propõe uma reflexão sobre a posição moral da categoria velho, afirmando que:

As sociedades precisam, urgentemente, reformular suas idéias sobre a velhice eliminando as posturas preconceituosas que tanto aviltam a dignidade que durante milênios de evolução, a espécie humana tem lutado para conquistar. É necessário que se prolonguem ou se criem oportunidades novas para os que envelhecem, mantendo-os ativos e participantes segundo suas condições psicofísicas para, com isso, devolver-lhes sua total dimensão.

Conforme a Organização Mundial da Saúde (2002 *apud* GOMES; CASTRO, 2007), os países podem custear o envelhecimento se os governos, as organizações internacionais e a sociedade civil implementarem políticas e programas de “envelhecimento ativo” que melhorem a saúde, a participação e a segurança dos cidadãos e cidadãs mais velhos.

Sendo os idosos, uma parcela cada vez mais significativa em termos quantitativos em nossa sociedade, e, nesse contexto, os idosos asilados são sujeitos sociais marginalizados e excluídos, principalmente pela família, pois são retirados de seu convívio diário, e passam a ser institucionalizados, sendo sequestrados de suas atividades produtivas e de lazer. É fundamental que, assim como todos os demais cidadãos, os idosos asilados tenham direito ao acesso a sua cidadania, que não deve restringir-se apenas ao cuidado paliativo de saúde, mas a todo o conjunto de ações governamentais e de respeito por parte dos demais seres sociais da sociedade em que esteja inserido.

A realidade na qual estão imersos os idosos asilados da cidade de Cuité, no Curimataú paraibano, não diverge das demais apresentada em todo o território nacional, e, portanto, merece especial atenção e destaque para com os mesmos, a fim de que se possa, de forma plena e democrática, permitir a inserção e convívio desses com os demais membros da sociedade brasileira. Por isso mesmo, a relevância desta dissertação.

1.1.1 Justificativa: contextualizando o problema

Nos dias atuais, é sabido que a população de pessoas idosas irá continuar a crescer de forma vertiginosa e constante. Uma das causas desse vertiginoso aumento, e consequentemente da população de idosos, é atribuída aos avanços da tecnologia, da ciência e da medicina. “Destacamos o aumento da expectativa de vida, confirmado pelo avanço da medicina e pela disseminação da expressão qualidade de vida que reforça a idéia de prevenção” (VECHIATO, 2010, p. 85).

Este tripé hoje sustenta as bases de uma sociedade que cada vez mais diminui o fosso existente entre os jovens e os idosos. Todavia um novo problema surge com o crepúsculo desta alvorada, que é a fragilidade das ciências sociais e políticas públicas em encontrar um ponto de equilíbrio para o devido tratamento desta nova sociedade. Mesmo a Terceira Idade sendo um momento da vida das pessoas, na maioria das vezes não é o coroamento de uma vida, mas certamente um período de hostilidade, frequentemente de solidão e pobreza. Dessa forma, “estudar o envelhecimento e a velhice é tratar do tema básico da antropologia desde seus primórdios, no século XIX: a relação entre as particularidades das experiências socioculturais e a universalidade da vida em sociedade” (BARROS, 2004, p. 13).

A idade quanto mais avança, mais provoca conseqüências físicas desestruturadoras nos indivíduos, que passam a ter, dentre outras coisas, a capacidade auditiva reduzida, como também o olfato, a visão, a fala e o deslocamento motor afetado drasticamente. Mas o potencial intelectual fica inabalado, às mudanças que ocorrem são no sentido de tornar o cérebro mais seletivo e astuto. O fator emocional também permanece estático e é um dos pontos mais críticos deste estágio da vida, pois uma parcela significativa da população dos idosos é deixada nos asilos.

O que pode nos auxiliar a termos um cérebro sempre ativo é mantê-lo em constante estímulo. Conforme França (2011, p. 96), “quem pratica atividade física regularmente e cultiva hábitos de leitura, estuda línguas ou está sempre aprendendo algo novo tem maior propensão a preservar a capacidade do cérebro de reter dados”. Por sua vez Izquierdo (2011 *apud* FRANÇA, 2011, p. 97) afirma que “quanto mais a pessoa exercita o cérebro, maior sua capacidade de memória. Ler, ler e ler é, disparado, o melhor treino para a memória”.

Voltando ao que concerne o lado emocional dos idosos, o “abandono” dos entes familiares é fator predominante na depressão e doenças que afligem os Idosos. Até porque isso provoca neles um sentimento de incapacidade e ociosidade, por se verem com um grande acúmulo de conhecimento para ser repassado, mas sem pessoas interessadas nesse saber. No cansaço e no desgaste do dia-dia, a vida se passa, os filhos, quando existem, já estão enfrentando os seus próprios problemas, o idoso fica só, sem reservas, sem saúde, sem planos, precisando somente de um lugar para comer, limpar-se e dormir (VERAS, 1987).

Diante desta situação os familiares tomam a decisão de colocar o idoso em uma instituição especial com grande relutância, somente após terem sido descartadas ou esgotadas todas as demais opções. Trata-se de uma decisão bastante difícil, acompanhada de culpa e sofrimento. Não causa surpresa a possibilidade de colocação em uma instituição assim muito de um subgrupo a outro. O candidato mais provável a tais cuidados é um adulto na fase tardia da velhice, anglo saxão, do sexo feminino, sem o esposo, sem filhos ou com poucos filhos, bastante incapacitados, e com poucos recursos financeiros (PAPALIA, 2000).

O atendimento em uma instituição é especialmente provável, caso o idoso não mais possa usar o toalete ou alimentar-se, ainda que, mesmo entre os que estão incapacitados a esse ponto, o atendimento em casa, mais do que o institucional é a combinação mais comum. O idoso deve ser incentivado por familiares, amigos e profissionais da saúde a participar de atividades, no meio familiar e na comunidade em que vive.

A institucionalização costuma ser seguida de morte em um espaço relativamente curto de tempo. No entanto, não é verdade que o atendimento em uma instituição para idosos necessariamente encurte a vida de uma pessoa. Somente quando um adulto idoso tenha sido involuntariamente levado para um local desses (ou para qualquer outra situação de vida) há evidências de que a própria mudança seja o fator causal para o rápido declínio e morte. Idosos internados contra sua vontade mostram taxas de mortalidade mais elevadas nos meses e anos que se seguem (PAPALIA, 2000), mesmo que esse efeito não seja inevitável.

Seria importante diferenciar e classificar (em termos de qualidade na prestação de serviços) os diversos “estabelecimentos” que se propõem a prestar assistência à terceira idade. Esta diferenciação e classificação devem estar diretamente relacionadas ao tipo de paciente que eles atendem e as suas reais

necessidades. Isto evita o desperdício e ociosidade dos recursos materiais e humanos. Por isso, a classificação dos serviços é fundamental no estabelecimento de critérios de qualidade específicos, de acordo com a clientela (VIEIRA, 1996).

O trabalho com idosos em regime de internato tem-se modificado em relação a aspectos quantitativos, mas muito pouco tem se modificado quanto à qualidade. Deixar em segundo plano um estilo de vida criado e recriado ao longo dos anos e assumir normas de vidas ditadas pela instituição é, sem dúvida, o maior desastre da segregação sofrida por idosos nos asilos e casas de repouso (REZENDE, 2002).

De acordo com Vieira (1996), partindo do princípio de que a instituição é um grupo social que formaliza um sistema de regras próprio que pauta a vida de um grupo, admite-se que ela é uma função da ordem social. Esta é uma ordem capital, que cria um fato à revelia dos interesses pessoais e comunitários ou é uma ordem social determinada pelas necessidades pessoais e sociais que definem a estrutura de uma prática vivida pelo ser humano? Responder esta questão é determinar onde começa o social e termina o psicológico no processo de institucionalização do ser humano.

Interessamo-nos por este tema no campo de pesquisa ora proposto, desde o momento em que iniciamos o trabalho de extensão em um ambiente de asilo na cidade de Cuité - PB, por meio do Centro de Educação e Saúde (CES), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e da biblioteca do CES, da qual sou o responsável, no ano de 2006 com o projeto Biblioterapia e Terceira Idade: a função terapêutica da leitura em idosos asilados na cidade de Cuité – PB como ferramenta de inclusão social, com o qual percebemos o quanto estes sujeitos estão margeados à realidade da sociedade que os circundam, o quanto estão excluídos do processo informacional e de cidadania, tão necessário para sua permanência em sociedade, de maneira silenciosa e branda, mas nem por isso, menos cruel.

Os Idosos que vivem no ambiente de asilo existente na cidade de Cuité, localizada na mesorregião do Agreste paraibano e microrregião do Curimataú ocidental, a 264 km da capital paraibana, se defrontam com uma realidade na qual o único canal de captação de informação resume-se ao aparelho de televisão, ou rádio, ou conversas informais e gestuais para aqueles que tem restrições físicas, tais como: cegueira, falta de audição, falta de condições de locomoção física.

Ao estudar as PI (Práticas Informacionais) neste contexto, aparentemente avesso e contraditório ao que pretende os avanços tecnológicos, poderemos

perceber que neste ambiente a informação poderá interagir com esses sujeitos, dirimindo a ociosidade e ansiedade muito comum neste período ao tempo que permitirá desenvolver ferramentas de inclusão destes na sociedade como um todo.

Conforme Sousa (2001, p. 43),

A literatura nacional sobre as práticas informacionais registra algumas contribuições que tratam dessas ações em ambientes distintos que, no entanto, convergem para o mesmo fim: compreender o processo de produção, comunicação e recuperação da informação e as modificações operadas nos sujeitos de um determinado espaço social.

Todavia pretendemos também entender se é possível que o produto das PI, ou seja, a informação, que é captada/recebida, gerada, transferida, com esses sujeitos neste tipo de instituição pode contribuir para a cidadania do idoso, se ela pode (in)formar cidadãos? Ainda, como pessoas idosas captam, geram e transmitem informação? Estando asilado, fora do contexto social que o circunda, o idoso institucionalizado troca informações com o seu meio exterior?

Pelo desenvolvimento de nosso projeto de dissertação, que trata das PI e Velhice: análise do fluxo informacional dentro de asilo na cidade de Cuité e sua contribuição para inclusão da pessoa idosa, esperamos responder esses questionamentos, juntamente com o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB).



Foto 2 – Idosos residentes no Asilar
Fonte: Arquivo pessoal.

Capítulo II - Nascimento para o mundo

2.1 OBJETIVOS

2.1.1 Geral

Analisar as práticas informacionais dos idosos que vivem em ambiente de asilo na cidade de Cuité - PB.

2.1.2 Específicos

- a) Caracterizar o ambiente de asilo em estudo;
- b) Descrever os sujeitos da pesquisa (Idosos) quanto as variáveis sócio-demográficas;
- c) Conceituar as Práticas Informacionais (geração, recepção, transferência), como sendo insumo para a cidadania do Idoso que vive em ambiente de asilo;
- d) Identificar e analisar o fluxo informacional do ambiente de asilo em estudo;
- e) Interpretar os resultados da análise a partir de um modelo de gestão da informação.



Foto 3 – Idosos residentes no Asilar
Fonte: Arquivo pessoal.

Capítulo III - Infância e puberdade

3.1 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SUA PERSPECTIVA SOCIAL

A CI surge no horizonte de transformações das sociedades contemporâneas que passaram a considerar o conhecimento, a comunicação, os sistemas de significado e os usos da linguagem como objetos de pesquisa científica e domínios de intervenção tecnológica (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1993). Para Barreto (2008, p. 02):

O fluxo de informação e sua distribuição ampliada e equitativa tem sido um sonho de diversos homens em diversas épocas. Desde a escrita o homem vem passando por proezas tecnológicas que tem mudado sua visão e sua relação com o mundo.

Ela constituía-se ao mesmo tempo, como uma nova demanda de cientificidade e como um sintoma das mudanças em curso que afetariam a produção e direção do conhecimento no Ocidente.

A CI é caracterizada como uma ciência pós-moderna que tem objeto de estudo relacionado a múltiplos domínios da ciência e tecnologia denominado informação. Possui uma natureza interdisciplinar que se estabelece de forma diferenciada entre as áreas do conhecimento, levando em conta as mudanças sociais ocasionadas pela informação.

A “ciência da informação” não se desenvolveu a partir de outro campo de estudo (como a psicologia), nem da intersecção de dois campos (como a bioquímica), mas a partir das exigências de uma área de trabalho prático, denominada “documentação” ou “recuperação da informação”. Embora a introdução de novas tecnologias, particularmente do processamento eletrônico de dados, tenha determinado a emergência desta disciplina, as contribuições para o nascimento da “ciência da informação” vieram de muitas disciplinas distintas (devido às diversas formações das pessoas que ingressaram num campo em que não havia nenhum sistema educacional estabelecido) e foram provocadas por uma série de diferentes interesses (devido às diferentes áreas de aplicação envolvidas com o trabalho de informação). (WERSIG; NEVELING, 1975, p.175).

Trazendo Silva (2006, p. 23) para essa discussão, vemos que,

Numa era de globalização, com desafios crescentes, com problemas inesperados e complexos, com recursos tecnológicos

surpreendentes e imparáveis, com alterações em múltiplos aspectos do cotidiano humano e social, era inevitável a transição paradigmática profunda na área da documentação/informação, com influência direta no figurino disciplinar e científico legitimador das múltiplas práticas, antigas e novas, determinadas estas pelo impacto das TIC (tecnologia de informação e comunicação). (Grifo nosso)

Corroborando com o dito anteriormente, Borko (1968 *apud* VECHIATO, 2010, p. 22) formulou um dos primeiros conceitos de CI, conforme citado abaixo:

Ciência da informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o fluxo de informação e os significados de processamento da informação, visando sua acessibilidade e usabilidade. Ela está preocupada com esse corpo de conhecimentos relacionados com a origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. Isto inclui a investigação sobre representação da informação em sistemas naturais e artificiais, o uso de códigos para a transmissão eficiente da mensagem, bem como o estudo de dispositivos e técnicas de processamento da informação como computadores e seus sistemas de programação [...] ela tem tanto um componente de ciência pura, visto que investiga seu objeto sem considerar sua aplicação, e um componente de ciência aplicada, visto que desenvolve serviços e produtos

Percebemos que a CI não segue um estilo unidimensional e estabelece uma relação direta ou indireta com outras formas de conhecimento, usufruindo e sendo usufruída por elas. Outro fato relevante é a importância que dá ao conhecimento do senso comum, enquanto saberes necessários para uma melhor relação entre ciência e sociedade.

Dessa forma a ciência pós-moderna ao sensocomunizar-se não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir um autoconhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida (SANTOS, 1988, p. 70).

O aspecto pós-moderno está fundamentado no conceito de que a CI representa uma matéria (especialidade), que não pode ser classificada entre outras matérias. Pelo contrário, a CI perpassa outras disciplinas. Ela contém partes dessas disciplinas, que as influencia por meio dos objetos de estudo de cada uma delas (WERSIG, 1993).

As origens da área de CI remetem a uma série de estudos independentes, que partindo de objetivos e pontos de vista distintos vêm consolidando este campo científico. Deste modo, como era de se esperar, as várias vertentes que influenciaram o desenvolvimento da CI, acabaram por delimitar paradigmas epistemológicos distintos, embora inter-relacionados e complementares. Conforme afirma Capurro (2003), torna-se fundamental a realização de estudos epistemológicos sobre os campos de atuação da área de CI que apresentem as similaridades e diferenças existentes entre o conceito de informação nessa ciência em relação a outros campos científicos.

Verificamos a existência de três correntes paradigmáticas: o paradigma físico, o paradigma cognitivo e o paradigma social, entendidas com perspectivas teóricas distintas, mas, inter-relacionadas e complementares em determinadas situações. Em conformidade com o que afirma Vechiato (2010, p. 22):

A partir de uma investigação epistemológica da ciência da informação, Capurro (2003) defende que o campo nasceu com um paradigma físico, questionado sob um enfoque cognitivo idealista e individualista, posteriormente substituído por um paradigma pragmático e social, com influência das tecnologias digitais. O autor reintera que esse último paradigma já existia nos predecessores da área, tais quais a biblioteconomia e a documentação.

Para González de Gómez (2000) presenciamos na sociedade a reformulação das infraestruturas de informação que se manifestam nos avanços nas tecnologias dos supercomputadores, na robótica na produção industrial, na expansão da microeletrônica potencializada pelas redes de comunicação remota, abrangendo toda a extensão do tecido social, contribuindo para uma maior perspectiva de atuação da CI no paradigma social, o que tem como consequência prática, conforme Capurro (2003, p.9),

[...] abandonar a busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento ou de um algoritmo ideal para modelar a recuperação da informação, como aspiram ao paradigma físico e o cognitivo, pois considera as possíveis perspectivas ou pontos de acessos distintos de acordo com o interesse do usuário ou comunidade.

Em outras palavras, a informação é entendida como fenômeno social coletivo, estruturas de conhecimento e instituições de memória das comunidades.

Para Marteleto (1995), o objeto de trabalho das comunidades encontra-se refletidos nos padrões de cooperação, nas formas de linguagem e comunicação, nas estruturas e organizações do conhecimento, nos sistemas de informação, na literatura (e suas formas de distribuição) e nos critérios de relevância.

Para González de Gómez (1993) a transferência de informação é sumariamente entendida como um conjunto de ações sociais com que os grupos e as instituições organizam e implementam a comunicação da informação, através de procedimentos seletivos que regulam sua geração, distribuição e uso. Afinal, não é concebida a transferência de informação sem o estabelecimento de critérios e normas que possam determinar, mas não engessar o que é essa informação e como ela pode ser repassada, ou transferida, para o público certo e que dela necessite.

Como tratamos de um campo social no qual a transferência de informação ocorre, ao contrário do campo biológico, onde há trocas de informações independente de nossa vontade, é preciso que se estabeleçam os códigos e condutas para uma transferência de informação que possibilite, em momento oportuno a recuperação de informações necessárias para o construto de conhecimento que servirão para dada comunidade, localidade ou mesmo indivíduo.

É o contexto da ação social que deve ser considerado no tocante a transferência de informação e/ou conhecimento, pois a busca de um desses dois elementos servirá como resposta pertinente e relevante às nossas perguntas.

A autora reforça que se faz necessário a reconstrução de um complexo cenário para a cooperação das populações de fontes e canais de informação ao tempo que permite processos seletivos, organizados e econômicos de busca e recuperação da informação e/ou conhecimento que se busca.

No atual contexto da sociedade um dos objetivos da CI seria contribuir para a informação se tornar um elemento de inclusão social trazendo desenvolvimento para os indivíduos e seus grupos sociais. Se considerarmos o conhecimento como resultado da interação do sujeito com o meio social, tecnológico, político e cultural, seremos de acordo que tal situação apresenta-se como desafio metodológico para a CI o deslocamento do individualismo metodológico para o seu oposto, o coletivismo metodológico.

Zins (2007 *apud* VECHIATO, 2010) destaca os aspectos mediadores que permitem a interação de indivíduos, sociedade e tecnologia em nível de

conhecimento objetivo (ou conhecimento universal), como sinaliza em sua definição para a CI. Nessa perspectiva, a CI,

É o estudo de perspectivas mediadoras do conhecimento humano universal (conhecimento humano no domínio universal). As perspectivas mediadoras incluem aspectos cognitivos, sociais e tecnológicos e condições que facilitam a disseminação do conhecimento humano do autor para o usuário (ZINS, 2007 *apud* VECHIATO, 2010, p. 27, tradução do autor).

Assim, percebemos que a tríade sujeito – tecnologia – sociedade está presente fortemente nas pesquisas sobre informação e conhecimento, muito antes mesmo da área da CI se estabelecer como campo de investigação, tendo sempre como norteador o sujeito, nas pesquisas mais recentes. Na perspectiva de Freire (2004, p. 44–45) vemos que:

Na área da ciência da informação, podemos observar um cenário em que se apresentam vários conceitos na abordagem informativa. A criação desses conceitos depende do tipo de visão de mundo do autor, ou de que área do conhecimento o autor é proveniente. Podemos identificar o seguinte quadro de abordagens da informação:

- a teoria da informação seletiva (Shannon e Weaver);
- o fenômeno geral da informação (Otten);
- informação como categoria e propriedade da matéria (Ursul);
- informação formal semântica (Shreider);
- informação como evento (Pratt);
- informação e incerteza (Wersig);
- informação e tomada de decisão (Yovits);
- informação científica social (Mikhailov, Chernyi e Giliarevskii);
- informação como representante do conhecimento (Farradane);
- informação como estrutura (Thompson).

[...] Outras abordagens apresentam a informação como um fenômeno social, que é gerada em um ambiente de comunicação humana. Portanto, a informação, neste contexto, é um fenômeno que apresenta inúmeras possibilidades, tanto em relação à estrutura semântica e sintática quanto em relação ao emissor e receptor.

Frente a essa abordagem, constatamos que a CI nos últimos tempos tem demasiada preocupação com os modos com que a informação provê aos indivíduos possibilidades de melhoria social e, conseqüentemente, a cidadania, entendida aqui como um *status* concedido àqueles que são elementos integrais de uma comunidade (TARGINO, 1991).

De acordo com Marteleto (1987 *apud* Sousa, 2001, p. 43), “enquanto a informação não for transformada pela experiência pessoal, ela resta o que é:

informação”. Com a mesma linha de pensar, Araújo (1998 *apud* Sousa, 2001, p.43), “entende a informação como um fator de mudança capaz de transformar estruturas cognitivas individuais e coletivas”.

Nesse sentido, cidadania implica um conceito de igualdade, uma vez que todos os que possuem esse *status* são iguais, no que diz respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao *status* (TARGINO, 1991). Mas, contrariamente à ideia de igualdade que a cidadania sugere a estratificação social, que concede o *status*, é um sistema de desigualdade que se acentua e se agrava no sistema capitalista.

Targino (1991) referiu-se ao caso específico da educação como elemento basilar dos direitos sociais, afirma que o direito à educação afeta o *status* da cidadania, se entendermos o direito à educação como o direito do cidadão adulto ter sido educado e informado.

Frente às disparidades da sociedade no que competem ao avanço tecnológico, as disputas entre países por informação e conhecimento, a corrida da ciência e armamentista, o consumismo e individualismo, enfim, todos os novos paradigmas que surgem motivados pelos interesses do Capitalismo globalizado, o sistema educacional aparece-nos como um fator de extrema importância para o desenvolvimento de países emergentes como o Brasil. A sociedade vigente está a exigir indivíduos com a capacidade de utilizar a informação de modo rápido e flexível, o que coloca problemas ao nível de acesso, uso e organização da informação. Por outro lado, os indivíduos precisam

[...] saber qual informação procurar e onde procurar [distinguindo] o que é relevante e irrelevante, [porquanto] em razão da multiplicidade de utilizações que potencialmente encerra, [a informação] precisa ser organizada por quem a procura, a quem compete agora por em ação a sua mente interpretativa, seletiva, sistematizadora e criadora (ALARCÃO, 2003, p. 25).

Isso implica a inclusão de estratégias no processo ensino e aprendizagem, tais como “criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem e estimular a aprendizagem e a autoconfiança nas capacidades individuais para aprender” (ALARCÃO, 2003, p. 30).

Como primordialmente permitir que os estudos e a CI voltem-se especialmente para o humano, o sujeito e o campo em que está inserido, a sociedade.

3.2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS: o tripé da ciência da informação

As PI representam o processo de desenvolvimento do caminho percorrido pela informação no fluxo de comunicação, mudança e/ou estrutura da realidade de uma dada parte da sociedade, que pode ser descritos a partir da figura que se segue:



Figura 1 – Esquema de representação das PI.
Fonte: Modelo inspirado em Araújo (1998).

Aqui a informação se mostra de forma cíclica e incessante de movimentação. Vários autores apontam este esquema como o mais simples e representativo das PI, dentro de qualquer setor da sociedade. Entre estes autores podemos lembrar Araújo, McGarry e Freire. Marteleto; Ribeiro (1990? *apud* Freire, 1999, p. 41) acrescenta que as PI são concebidas como sendo um “mecanismo de geração, comunicação, recepção e transformação da informação pelos sujeitos sociais”. Conforme Barreto (2008, p. 09),

[...] quando se observa do lado do gerador, ou tem-se definições como a estrutural, que indicam ser a informação o resultado da relação estática entre objetos materiais, independentes da ação dos seres humanos, ou tem-se a definição relacionada somente à mensagem, em que a informação é indicada como símbolos produzidos por um gerador, para efetivar o processo de transferência. Nestas definições, o receptor da informação ou está excluído do processo, ou não é necessário para a sua explicação. [...] quando relacionadas ao receptor reforçam a intenção semântica da transferência, adjetivando o conceito do significado da mensagem, seu uso e a ação resultante do uso.

Ainda conforme Barreto (2008, p. 10):

Os fluxos de informação se movem em dois níveis: em um primeiro nível os fluxos internos de informação se movimentam entre os

elementos de um sistema de armazenamento e recuperação da informação, e se orientam para sua organização e controle. Estes fluxos internos tem uma premissa de razão prática, um conjunto de ações pautadas por um agir baseado em princípios produtivos. Em outro nível existem fluxos externos a este sistema de informação. No fluxo externo a direita, a informação gerada pelo autor que entrou e passou pelo sistema de informação para ser tratada é assimilada como conhecimento pelo receptor. No fluxo final à direita temos um processo de cognição que permite transformar a informação em conhecimento.

Marteleteo (1995 *apud* Freire, 1999, p. 42-43) vai mais longe, e acrescenta que PI são como um

[...] Mecanismo de apropriação, rejeição, elaboração de significados e valores, não de uma sociedade sincrônica [...] mas aquela onde os sujeitos elaboram as suas representações e executam suas práticas através de dispositivos informacionais interpretados a partir de suas experiências.

Trata-se de uma definição mais trabalhada daquele conceito em que a base desse processo será o **sujeito**. Será ele, concomitantemente, com seu contexto de experiências adquiridas, quem discernirá quando da constituição de elementos para a elaboração de novos campos informacionais e mudança do modelo que se apresenta para ele em determinado momento. Ou, ainda, reforçar esse mesmo modelo estabelecido com elementos (informações) que creditem valor.

Marteleteo (1995 *apud* Freire, 1999, p.42-43) vai além e contextualiza a informação no campo educacional, concebendo-a como um mecanismo de geração, comunicação, recepção e transformação da informação pelos sujeitos envolvidos neste processo. Aplicamos sua abordagem ao nosso caso, o Asilo da cidade de Cuité-PB e a cidadania dos idosos asilados. Freire (1999, p. 43) classifica as PI a partir do ponto de vista de Marteleteo (1992, p. 25) como determinantes, ao explicar que:

Todavia, o primeiro ponto importante que nos parece visível no pensamento da autora é o fato de considerar as práticas de informação como mecanismo que, ao nosso ver, é determinante, pois vai configurar-se como um processo em que há um empreendimento dos sujeitos no momento da geração de informação. Esse processo configuraria as ações praticadas pelos sujeitos para fazer surgir essa “nova” informação, ou melhor, para ampliar seu estado de conhecimento.

E são os sujeitos envolvidos no processo que constituem os pilares que suportam o campo pelo qual se movimentam as PI, e esse é um novo dado que acrescentamos à sociedade acadêmica neste estudo. Porque às práticas sempre foram vistas, em sua grande maioria, no âmbito da Biblioteconomia e da CI, que é o nosso caso, no restrito aspecto comportamental e sistêmico dos agentes em relação ao campo de estudo. Sendo que é importante vê-lo como elemento principal e definidor das estruturas daquele campo. Um caso típico é os estudos de usuários feitos que desconsideram a relevância do usuário como um ser constituído de experiência própria, reais e concretas. Quando na realidade, o que deveria acontecer era que:

[...] grande número dessas pesquisas, realizado com o objetivo de avaliar os sistemas de informação, projeta o plano técnico de operacionalização dos sistemas sobre questões de geração, comunicação e absorção de informações, que ocorrem no contexto do sistema de informações, entre sujeitos que vivem práticas sociais situadas e concretas (MARTELETO; RIBEIRO, 1989, p. 207).

Esse novo elemento (O PÚBLICO) é acrescentado por Araújo (1998, p. 178) que primeiramente afirma:

A prática de geração de informação pode ser compreendida como o momento de criação da terceira informação. Esta, por sua vez é conceituada como o processo de qualificação dos dados originais operados pelos sujeitos receptores. Assim, a terceira informação surge da leitura das informações recebidas e selecionadas (informações úteis) pelos sujeitos receptores, ou seja, surge após a ação de seleção. Esta leitura caracteriza-se como um processo de atribuição de sentido, um processo de reapropriação do texto do outro (sujeito emissor), objetivando-lhe atribuir um novo sentido.

Ressaltando que o receptor não assumirá o lugar do emissor conforme Correia (1999, p. 120) “mas que haverá mais um emissor com a mesma informação (idéia) original – melhorada e ampliada – que contribuirá para atribuição de novos sentidos”. É o que Certau (1994 *apud* Araújo, 1998, p. 178–179) afirma quando escreve:

[...] ao qualificar a informação a partir de suas necessidades, o usuário de informação se transforma num leitor e nesse papel ele modifica o sentido atribuído pelo autor. Ele se apropria da informação selecionada e gera uma nova informação. Entretanto, [...] o leitor não toma o lugar do autor. Ele combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no

espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações.

A informação será útil e assumirá um caráter de valor, seja para as sociedades, grupos, entidades, instituições, ou mesmo para o indivíduo, quando ocorre interação entre os participantes do processo que favorece o fluxo informacional. De acordo com Silva (2006, p. 78):

Estabelece-se, assim, uma diferenciação orgânico-funcional entre os produtos da cognição humana – os textos, as imagens, os desenhos, etc., isto é, o conhecimento explícito ou a informação manifesta – e os processos cognitivos (os processos da cognição) e cerebrais propriamente ditos.

Este ponto mostra claramente a interdependência do homem com seu meio, do homem com os outros homens e da representação do conhecimento e da informação. Tanto que na sociedade Ocidental o processo de conhecer não passa apenas pela representação, mas pelo seu significado, seja uma idéia concreta do contexto em que o sujeito está inserido e sua consciência permite que o mundo seja mundo, por sua representação de significado.

E o produto desta relação homem X mundo X representação, que é o conhecimento, é independente desta relação, ou seja, o conhecimento é independente tanto do sujeito quanto do objeto do conhecimento: pode estar associado à linguagem, ao sistema de significados ou a matéria sinalética. O conhecimento muda, mesmo sem o acréscimo de informação. Pode-se refletir sobre algo, e com a mudança do ato pensado, você pode considerar que houve um novo conhecimento.

Le Coadic *apud* Silva (2006, p. 68) afirma que,

Nosso estado (ou nossos estados) de conhecimento sobre determinado momento é representado por uma estrutura de conceitos ligados por suas relações: nossa 'imagem' do mundo. Quando constatamos uma deficiência ou uma anomalia desse(s) estado(s) de conhecimento, encontramos-nos em um estado anômalo de conhecimento. Tentamos obter uma informação ou informações que corrigirão essa anomalia. Disso resultará um novo estado de conhecimento.

De maneira inversa, trabalhar com conhecimentos prévios, sem nenhuma agregação de valor, é o mesmo que trabalhar com tijolos em um depósito, a espera do momento em que formarão uma parede, ou mesmo uma casa, “interagindo” com o cimento, areia, cal e água, ali também depositados, fazendo parte de um contexto, junto com o trabalho manual e técnico do homem (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1993). Essa interação possibilitará o surgimento de um conhecimento, advindo da ação das PI que ao somarem conhecimentos prévios (dados, notícia) com o que já se conhece, forma uma nova informação, ou novo conhecimento. Para tanto, há um caminho a ser percorrido e ele perpassa pela comunicação, sem dúvida. Esse caminho denominado de fluxo de informação, pode ser representado na figura que se segue:

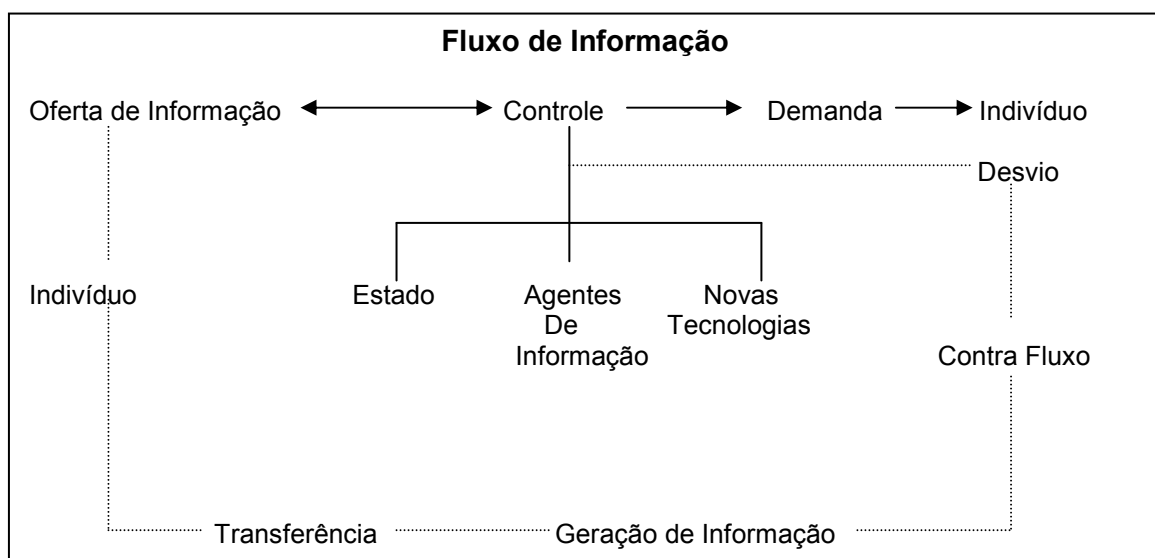


Figura 2 – Modelo do Fluxo de Informação
Fonte: Lopes (1996)

— Fluxo de informação imposto
 ---- Fluxo de informação pelas
 Práticas Informacionais

Neste esquema podemos observar que a informação, ou melhor, seu fluxo, percorrerá um caminho longo, pelo qual enfrentará diversos obstáculos pelo fato de que há elementos que tentam regular esse fluxo (Estado, Agentes de informação e Novas tecnologias), de modo que possam manter uma ordem estabelecida (condição de imposição do poder) ou mesmo de elementos que visam equilibrar o fluxo de maneira que a oferta seja suficiente para corresponder a demanda, ou

mesmo que a demanda intente de produzir informações de maneira que a oferta esteja sempre além da demanda, pois esse é um desequilíbrio mais aceitável.

Sem deixar de levar em consideração que esse modelo do fluxo da informação apresentado aqui, é um recorte do ideal, que seria o mecanismo de consecução da informação pelas PI, em contra-partida do fluxo corriqueiro, imposto, controlado. A informação precisa ser transferida com imparcialidade, idoneidade, liberdade, livre de influências que não sejam do indivíduo que a gera, com a visão de alcance de um outro indivíduo, o que a receberá. Para Brookes (1980 *apud* SILVA, 2006, p. 70),

[...] e para todos os defensores modernos da CI, cuidar (analisar, classificar, ordenar, conservar e difundir) rigorosamente da informação, é a garantia infalível de um maior e melhor conhecimento, bem como a certeza legitimadora do papel social insubstituível dos profissionais da informação (bibliotecários, documentalistas, arquivistas e gestores de informação).

E conforme Freire (2004, p. 20 - 21):

A informação é um fenômeno que ocorre no campo social e pressupõe, para a sua existência, algumas condições básicas, tais como:

- ambiente social: contexto que possibilita a comunicação de informação. Esse ambiente se caracteriza sempre pela existência de uma possibilidade de comunicação. Ele decorre do impulso primeiro, arquetípico que nos levou como espécie à necessidade de materializar o pensamento em uma mensagem dirigida a um semelhante, um movimento primordial de transmissão da informação;
- agentes: no processo de comunicação, os agentes são o emissor, aquele que produz a informação, e o receptor, o que recebe a informação. Os agentes emissores são responsáveis pela existência dos estoques de informação, em um processo contínuo em que as funções produção e transferência se alternam, ou seja, o receptor de hoje poderá ser um produtor da informação amanhã;
- canais: os canais estão relacionados aos meios por onde as informações circulam. Os agentes produtores de informação escolhem os canais mais adequados para circulação da sua informação, que podem utilizar-se de meios impressos, como jornais, revistas, periódicos científicos, além de rádio, televisão, internet, congressos, feiras e outros tipos de eventos científicos e comerciais.

Essas são as condições que tornam possível o processo de comunicação entre emissor e receptor da informação se estabelecer.

Ademais, as tecnologias de informação, que funcionam como veículos condutores da informação, por todo o mundo, têm contribuído demasiadamente para o funcionamento desse fluxo informacional, muito embora essas novas tecnologias tendam a aumentar ainda mais o controle das informações e restringir o acesso aos meios à apenas uma pequena parcela da população, principalmente nos países em desenvolvimento como o nosso.

Quando falamos em novas tecnologias de informação pensamos de imediato no computador, na telecomunicação e na convergência da base tecnológica permitindo que, todos os insumos de informação fossem convertidos para uma base digital, possibilitando, assim, tudo seguir no mesmo canal de transferência da informação. Contudo estas são conquistas baseadas em apetrechos elétrico, eletrônicos ilusórios e efêmeros. Conjuntos fantasmagóricos de fios, fibras, circuitos e tubos de raio catodo. As reais modificações que as tecnologias intensas de informação trouxeram foi uma nova forma de lidar com o acesso a informação e as modificações relacionadas ao tempo e ao espaço de sua transferência (BARRETO, 2008, p. 12).

De modo que no processo das PI, é importante que, além da concessão de novos sentidos à informação, ela seja feita visando os seus novos receptores. Os sujeitos informacionais constituirão novas informações com base no que apreenderam, fundindo com suas experiências e repassando-as com qualidades ao público que se destina. É fato que o conhecimento é próprio da subjetividade e intelectualidade de cada indivíduo, mas sua representação não está de todo atrelada a objetos e/ou materialização de produtos de informação, mas principalmente ao que o homem produz em suas relações com o meio sócio-cultural em que está inserido, pois de outra feita, não consideraríamos como produtores de conhecimento às pessoas que não estejam inseridas no campo acadêmico e científico, como bem são definidos como pessoas detentoras do senso comum.

[...] falar da faculdade de conhecer, de obter informação, de compreender, de perceber o mundo que nos rodeia pode ser, como muitas vezes é, um exercício 'abstracto' subsumido pela noção de cultura (subentenda-se a 'erudita' ou elitista) ou pela tradição filosófica que mergulha raízes na herança helênica e que aparece ligada à função do intelectual em sentido amplo (onde cabe além do homem/mulher de letras, o cientista, o agitador social e político, etc), mas também pode ser subsumido por uma abordagem científica, mais especificamente regida pelas ciências cognitivas (SILVA, 2006, p. 72-73).

Corroborar com essa assertiva González de Gómez (1993) ao dizer que a dignidade e excelência do saber não vem da competência lógica ou da receptividade transparente das faculdades de representar, mas da passiva abertura do ser. Assim conhecer é representar e o mundo como totalidade do contexto da experiência é, enquanto representado pela consciência, que é agora o lugar da representação, ou seja, o próprio campo do conhecimento. A representação do conhecer só é concebível em um tecido sócio-cultural organizado no qual há malhas reguladoras das idéias-significados. Dentro desse conjunto organizado e organizador, o signo, como uma forma nominalística da representação, é utilizado como encenação das idéias que constituem pensamentos de um homem para outro homem e servindo desta feita para comunicar nossos pensamentos uns aos outros ao tempo que registramos para nosso próprio benefício (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1993).

O conhecimento vai implicar desta forma em uma relação dupla, onde por um lado relaciona-se com o objeto e o que ele representa e por outro, relaciona-se com o sujeito por meio de sua consciência. Como afirma a autora “a representação não é o conhecimento, mas o conhecimento pressupõe sempre a representação”. O conhecimento será o conjunto de representações (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1993).

Concordando com Silva (2006, p. 78),

Estabelece-se, assim, uma diferenciação orgânico-funcional entre os ‘produtos’ da cognição humana – os textos, as imagens, os desenhos, etc., isto é, o conhecimento explícito ou a informação manifesta – e os processos cognitivos (os processos da cognição) e cerebrais propriamente ditos.

Reforçando que essas representações são significativas para o conjunto de membros constituintes de um mesmo recorte social, que façam parte de um acordo social em que as representações sejam entendidas, trocadas e aceitas pelos membros desse grupo. Aqui determinamos o sujeito como de fundamental importância para a representação do conhecimento e do conhecimento representado.

Todavia, González de Gómez (1993) deixa evidente que na modernidade o conhecimento objetivamente manifesta-se como público e publicado, é enfatizado o produto do conhecimento e conhecimento objetivado. Aportando em Ranganathan a autora esclarece que as condições de organização e de representação dos registros do conhecimento resultam das condições de geração, organização e socialização

do próprio conhecimento. Quanto mais é gerado conhecimento, mais é imperiosa a sua organização e socialização para que se possa de forma satisfatória disseminar, recuperar e transmitir novas informações e/ou conhecimentos.

Assim, de um lado da questão, temos em torno da representação do conhecimento um campo interdisciplinar que reúne, ao menos, as ciências do conhecimento, da linguagem, da informação e suas interfaces com as novas tecnologias e por outro lado o tratamento da informação (representação) no que diz respeito a recuperação da informação, como metalinguagem, perde em parte seu objeto de referência. O tecido social em que está inserido os sujeitos e as trocas informacionais em que estes sujeitos atuam vem a ser variáveis significativas na compreensão de cadeias de transferência de conhecimento/informação, e que vem a ser denominado de demanda poliepistemológica de articulação argumentativa e administrativa.

É imperiosa a inserção do sujeito no tocante a significação dos signos, da representação e certamente do conhecimento, pois não apenas as demandas tecnológicas são postas em evidência mas também é crescente as preocupações com o papel, e o repositório, das memórias tradicionais e locais.

Por fim, as pesquisas no campo da CI deveriam permear a autonomia epistemológica que visa a organização e a representação do conhecimento para o escopo da recuperação da informação que poderá ser mediada por diferentes recursos, tanto cognitivos quanto tecnológicos, mas que será PARA sujeitos dentro de seu campo sócio-cultural.

3.3 FLUXO INFORMACIONAL: uma corrente contínua e cíclica

A informação, dentro das PI, é processada de forma cíclica e renovável, onde novos dados são acrescentados, e uma mesma informação é constantemente alterada e modificada à medida que é gerado um novo conhecimento, por decorrência de novas realidades que se apresentam.

Destarte, dentro das PIs, os elementos formadores desta são divididos em um primeiro estágio (recepção), passando pela geração de uma nova informação (segundo estágio) e, por fim, o terceiro estágio deste processo que é o de transferência. Transferência de uma nova informação, não mais da mesma que foi

recebida, sendo esta direcionada para um público específico e determinado pelo ambiente externo. Esse fluxo informacional, passa desta forma, a ser o melhor significativo para a CI, pois como Borko (1968) afirma é a ciência da informação a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processamento para otimizar sua acessibilidade e uso.

Antes de adiantar qualquer tentativa de definição do termo informação, é necessário esclarecer a simbiose que ocorre entre este termo e conhecimento. Para Barreto (2005, p. 112) “os termos informação e conhecimento guardam proximidade entre si, mas há uma diferenciação de conceitos entre eles, ainda que não se possa delimitar suas fronteiras”. É percebido que o primeiro termo existe independente do segundo, mas para ocorrer o segundo deve-se antes haver um apanhado do primeiro termo. Concordando com a relação entre um termo e outro, Cardoso (1996, p. 71) afirma que:

[...] a informação [...] prende-se ao latim *informare*: dar forma a) sofreu, ao longo da história, tantas modificações em sua acepção, que na atualidade seu sentido está carregado de ambigüidade: confundido frequentemente com comunicação, outras tantas com dado, em menor intensidade com instrução, mais recentemente com conhecimento.

Possivelmente a relação entre um termo e o outro advem da própria origem da sociedade humana, pois desde sempre a informação esteve associada à oralidade e a transferência de conhecimento, como bem afirma Barreto (2005, p. 116):

Vê-se que a oralidade criou os ritos e os mitos para a transferência da informação e fixação da memória; a escrita retirou a memória do corpo e a transferiu para um suporte material; a imprensa reproduziu tecnicamente o alfabeto e as imagens.

Talvez para dirimir essa peleja entre o termo informação e o termo conhecimento possamos considerar o que afirma Cardoso (1996, p. 72):

Quando refletimos sobre informação podemos perceber que ela possui duas dimensões intrinsecamente conectadas: a pessoal e a coletiva. A dimensão pessoal da informação manifesta-se pelo acervo de soluções e interpretações que acumulamos no

desenrolar de nossa biografia, através daquilo que experienciamos e que nos fornece pistas para lidarmos com novas experiências. A dimensão coletiva identifica-se com fragmentos do conhecimento produzido desde que o mundo é mundo, ou seja, as sistematizações e interpretações de experiências disponibilizadas socialmente entre os indivíduos em função dos diferentes lugares que ocupam na estrutura social.

Assim, desta forma, o conhecimento sempre será advindo da informação, por meio do processo de aquisição, geração e disseminação de informação feita pelo indivíduo tanto em processo de comunicação com outros como estando sozinho, de forma subjetiva e introjetiva.

Detendo-se ao primeiro termo, percebe-se que a informação adquiriu nas últimas décadas, principalmente nas que antecederam ao final do século XX, enorme relevância para o cenário da globalização, pois ele assume características econômicas e sociais até então não inerentes ao seu perfil, passa a ter significância das ações estabelecidas pelas nações e entre os grupos humanos, ele assume a denominação de PODER. Esse PODER, tem significado totalmente voltado para o fator econômico, tendo em vista que o seu PODER de mudança social estará ligado a algum fato político ou econômico, como mesmo afirma Araújo (2000, p. 14) quando diz:

No caso das práticas informacionais num contexto de práticas de cidadania temos que, a intenção é diretamente política, ou seja, se dá como uma ação que objetiva explicitamente, a transformação progressiva da sociedade ou a permanência das atuais estruturas, a partir de certos valores e interesses.

A informação não é senão o produto das PI apresentadas por Araújo (2000), pois de outra forma, não poderemos classificar o termo informação como sendo um elemento definidor de estruturas e agente de mudança, de transformação.

Neste ponto, temos a certeza de estarmos caminhando em um terreno “minado”, tendo em vista que por se aplicar as diversas áreas do conhecimento humano, a informação tem em cada uma delas uma definição própria, representante de seu objeto de estudo, é como se fosse um “camaleão” que se adequa ao ambiente no qual se localiza. Como exemplo o matemático que tratará a informação por meio de números, ou do poeta que versará a informação em rimas e sonetos. Conforme Norbet Wiener (1974) *apud* Lopes (1996, p. 57) a informação é “o

conteúdo daquilo que permutamos com o mundo exterior ao ajustar-nos a ele, e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido”. Para Burrell e Margon *apud* Silva (2006, p. 58),

[...] A informação emerge assim de diversas formas conforme nos localizemos num ou noutro paradigma conceptual. De um ponto de vista interpretativista e radical humanista, a informação está emaranhada na problemática decisiva do significado e das relações e referências entre as coisas, isto é, entre os fenómenos. De um ponto de vista estritamente interpretativista a informação é o próprio significado; ela é o significado para o sujeito que experimenta a acção de ser/estar/ficar informado. Nesta perspectiva a informação é um fenómeno interpretativo, dependente do sujeito, assente na experiência de determinado indivíduo e na historicidade, pressupostos, contextos e envolvimentos no âmbito dos quais e com os quais esse mesmo indivíduo se informa ou é informado [...]

Wiener (1974 *apud* LOPES, 1996) é um dos primeiros autores a discutirem o conceito de informação com a devida importância conceitual que o termo exige, de maneira que sua definição serve de insumo para as discussões atuais deste termo, mesmo havendo outras contribuições teóricas que tentam quantificar e qualificar a informação, um elemento tão volátil e mutável quanto a própria sociedade, pois é moldada, em certo momento a ela, e ela à molda.

O Idoso pode ser encaixado perfeitamente nesta corrente contínua e cíclica, pois ele próprio é o elemento – sujeito social - constituinte do fluxo informacional. Isso porque além de sujeito, ele passa a ser importantíssimo quando afirmamos que a informação deve ser gerada a partir da perspectiva do sujeito que a receberá, e com isso a interação entre a instituição (Asilo) e a cidadania que formará cidadãos (Idosos) iguais e libertos perante a sociedade permeia esses preceitos.

3.4 TERCEIRA IDADE: breve histórico

A terceira idade, uma das mais importantes etapas da vida, chega sem que se perceba. De repente, “estamos” idosos ou “somos considerados” pelas outras pessoas como velhos e “não conseguimos” identificar bem este momento. Para cada pessoa, o sentimento de envelhecimento é muito diferente. Há quem, com mais de

oitenta anos, pensa e age como jovem e pessoas jovens que são verdadeiros velhos (BEE, 1997).

Na Antigüidade, a velhice era comparada ao inverno sombrio, frio e improdutivo, traduzindo uma desvalorização dessa etapa da vida. Em algumas sociedades, os velhos eram abandonados ou se abandonavam nos desertos, nas geleiras, para apressarem sua morte (SINÉSIO, 1999).

A França passou, logo após a guerra, por um período de agravamento das condições de vida da população idosa, beirando mesmo a indigência social. Entre 1945 a 1960 houve uma revisão fundamental nas políticas sociais e a administração tradicional. Foi neste país que se instalou a primeira universidade da terceira idade na década de 1970.

Os ecos vindos da Europa sobre a mudança da imagem da velhice chegam às terras brasileiras no final da década de 60 do século XX e, como na França, certos documentos oficiais, bem como a grande maioria das análises sobre a velhice, recuperam a noção idosa (*persone âgée*).

É claro que este termo sempre fez parte do vocabulário português, entretanto, não era palavra de muito uso. Ainda que o termo idoso não fosse muito empregado, observa-se que as ambivalências já são fortes: velho e idoso podem se confundir, mas idoso marca um tratamento mais respeitoso, como *persone âgée* praticado na França.

Na época atual, em que se valoriza o homem pela força física e capacidade de gerar lucros, a importância social do idoso e as funções a ele atribuídas tornaram-se inexpressivas. A fase “idosa” da vida tornou-se imprópria em nossa sociedade, às vezes sendo rejeitada pelos próprios familiares que a vêem como um fardo, dispensando tratamento desrespeitoso, agressivo, sem contemplação para com a pessoa humana que o idoso incorpora (SINÉSIO, 1999). Segundo Salgado (1997, p. 18):

As sociedades precisam, urgentemente, reformular suas idéias sobre a velhice eliminando as posturas preconceituosas que tanto aviltam a dignidade que durante milênios de evolução, a espécie humana tem lutado para conquistar. É necessário que se prolonguem ou se criem oportunidades novas para os que envelhecem, mantendo-os ativos e participantes segundo suas condições psicofísicas para, com isso, devolver-lhes sua total dimensão.

De acordo com Peixoto (2004, p. 11):

Na verdade, o envelhecimento tem sido analisado sob múltiplos aspectos: a sociabilidade, as relações entre as gerações, as transmissões materiais e afetivas, o asilamento, entre outros. São estudos que procuram revelar, através de diversos ângulos como classe social, gênero, etnia, espaço/território etc., as inúmeras facetas desse processo.

É muito importante que paulatinamente a academia e os estudiosos busquem reforçar os laços entre ciência e este novo estrato social, tendo em vista que seu crescimento será sempre contínuo e, necessariamente, precisamos nos preparar para a recepção e atenção que este grupo merece junto ao convívio social.

3.5 A TERCEIRA IDADE: sua idade biológica e cronológica

Biologicamente somos seres que percorrem o ciclo de vida, interrompido ou não, que vai do nascimento até a morte, passando pelas etapas de concepção, desenvolvimento intra-uterino, nascimento, infância, adolescência, maturidade, velhice e morte (BIRMAN, 1994).

Pode-se ainda falar no ciclo ternário da vida, ou seja, os períodos de formação, de produção e de inatividade, correspondendo tal modelo social ao que foi constituído, após o advento e expansão da aposentadoria. Em todos os casos pode-se lidar com construções sociais que não só descrevem, mas também atribuem significados, valor e função social aos diversos momentos e etapas da existência.

Conforme Coury (1999, p. 28): “a evolução biológica do ser humano, em seu processo vital, é decisivamente afetada pela classe social, pelo grupo profissional, pela cultura e demais determinantes, encurtando ou prolongando a vida”. Esses fatores tem da mesma forma que em cada uma de suas etapas, seja maior ou menor, a possibilidade de conservação da saúde aquisição de cultura e fruição dos bens, serviços e possibilidades de bem-estar social e individual.

Para Vasquez (1989 *apud* VECHIATO, 2010) cronologicamente, deve-se considerar antes de tudo que os calendários são diversificados e a idade cronológica anotada de maneira também distinta, conforme a sociedade considerada.

A utilização do calendário greco-romano dá a cada um, e à nossa sociedade, a idade própria da civilização euroamericana. Seria diverso se pertencêssemos à cultura egípcia, terena ou fenícia. Por outro lado, encontramos sociedades em que a vida é contada desde a concepção até à morte, e sociedades que contam o período de vida, incluindo etapas em que o indivíduo já morreu biologicamente, mas continua socialmente vivo (MORAES, 2000).

É fato conhecido de todos que quando somos crianças ou jovens, a tendência a considerar idosos nossos pais de 30 ou 40 anos. Assim também, a avaliação dominante que se tinha há algumas décadas de um indivíduo de 50 anos mudou substancialmente. Hoje tendemos a considerá-los adultos e são empurrados pela velhice para os 60 ou 70 anos ou mais, como já acontece nas áreas mais desenvolvidas. De fato, é mais corriqueiro considerar a idade social dos indivíduos, que não coincide com sua idade cronológica, nem muito menos com sua idade biológica (MOTA, 1990). “De certa forma, discussões acerca da idade dos indivíduos e classificações quanto a ser idoso ou não se esvaem quando se reflete sobre aqueles que parecem velhos aos 45 anos e outros que são jovens aos 70 anos” (BALDESSIN, 2002 *apud* VECHIATO, 2010, p. 85).

Ao contrário, um trabalhador assalariado de 50 anos, no meio rural, pode ter biologicamente idade muito mais avançada, devido ao desgaste produzido pela vida e o trabalho adverso, assim como socialmente já é considerado um idoso trabalhador sem força e capacidade produtivas (COURY, 1999).

Deve-se, portanto, diferenciar a idade biológica da idade cronológica e da idade social para poder compreender o que significa ser idoso. Em países desenvolvidos verifica-se que o prolongamento da vida e a queda da natalidade tem criado um ciclo de vida onde o período de formação se alonga, o período de atividade e produção se encurta, e o período de inatividade e cessação da atividade cada vez aumenta mais com a expansão e multiplicação das aposentadorias, pré-aposentadorias e aposentadorias progressivas, criando a morte social, antes da morte biológica, com o isolamento a que ficam relegadas as pessoas que se aposentam.

Em todo caso, é importante verificar que a morte social pode anteceder a morte biológica, assim como o nascimento social ou a idade cronológica podem ser estabelecidos a partir de etapas anteriores ao nascimento biológico.

Segundo Berger (1995), biologicamente e em termos gerais, há uma tendência a melhorar e alongar o percurso de vida, uma vez que as condições farmacêuticas, médicas e sanitárias generalizam-se mais rapidamente do que as condições econômicas, sociais e culturais, indispensáveis para assegurar uma boa qualidade de vida. Também para esse autor, como consequência, a sociedade está criando o idoso rico, com qualidade de vida idêntica ou assemelhada à dos países desenvolvidos, e o idoso pobre e hipodotado, que sobrevive graças aos avanços e à difusão dos benefícios da medicina e da saúde, mas sem condições materiais e sociais para assegurar-lhe qualidade de vida.

Ainda para Berger (1995), cronologicamente, o prolongamento da vida se expande nas camadas mais elevadas e nas regiões mais desenvolvidas do país, coexistindo com a massa de indivíduos de curta existência das regiões e camadas mais pobres do país.

Socialmente, está construindo-se um modelo social dominante de rejuvenescimento dos homens e mulheres de cinquenta anos ou mais nas elites urbanas. Mas caminha-se para um modelo de morte social, pelo isolamento nas camadas médias, assim como forja-se um modelo de marginalidade, socialmente antecipada, para a maioria dos trabalhadores assalariados de baixa renda, desprovida de patrimônio e renda.

De acordo com Paschoal (2002 *apud* VECHIATO, 2010, p. 85 – 86), o quadro a seguir demarca algumas considerações acerca do início da velhice conforme alguns aspectos:

Aspectos	Considerações
Biológicos	O envelhecimento começa pelo menos tão precocemente quanto a puberdade (alguns o querem já após a concepção) e é um processo contínuo durante a vida.
Sociais	As características dos membros da sociedade, que são percebidas como sendo de pessoas idosas, variam de acordo com o quadro cultural, com o transcorrer das gerações e, principalmente, com as condições de vida e trabalho a que estão submetidos os membros dessa sociedade, sendo que as desigualdades dessas condições levam a desigualdades no processo de envelhecer.
Intelectuais	Diz-se que alguém está ficando velho, quando começa a ter lapsos de memória, dificuldades de aprendizado e falhas de atenção, orientação e concentração, comparativamente com suas capacidades intelectuais anteriores.
Econômicos	Algumas vezes se define que uma pessoa se torna idosa a partir do momento em que deixa o mercado de trabalho, deixa de ser economicamente ativa, se

	aposenta da atividade econômica que exerceu.
Funcionais	Quando começa a depender de outros para o cumprimento de suas necessidades básicas ou de tarefas habituais. A deteriorização da saúde física e mental, que ocorre com o passar dos anos, leva os demais indivíduos a considerarem tal pessoa como idosa.
Cronológicos	Há uma dificuldade em se definir, a decisão torna-se arbitrária, pois dependendo do desenvolvimento socioeconômico de cada sociedade, os membros apresentarão os sinais inexoráveis do envelhecimento, com suas limitações e perdas de adaptabilidade, em diferentes idades cronológicas.

Quadro 1 – Considerações a respeito do início da velhice

Fonte: Vecchiato (2010, p. 85 – 86)

Schwartz (2003 *apud* VECHIATO, 2010, p. 89) elenca algumas predições quanto ao futuro social para as localidades que disporão cada vez mais de pessoas idosas, tais como:

- Dentro de 50 anos, muitas pessoas não irão se aposentar, pois se manterão produtivas até a morte, em idades que superarão os 100 anos;
- Antes disso, em uma tendência de menor peso, a aposentadoria será dedicada a uma nova vida, uma oportunidade para que os idosos usem sua experiência e inteligência em contrapartida ao simples repouso e recreação, possibilitando prosseguir com uma vida produtiva;
- Muitas doenças que são fatais serão totalmente ou quase eliminadas ou mesmo controladas, como muitas formas de câncer; a doença de *Alzheimer* e outras doenças; a diabetes; a paralisia cerebral; a esclerose múltipla; doenças cardíacas e várias doenças infecciosas;
- A geração dos *babyboomers* bem como as próximas gerações tendem a se sentir mais jovens, mais saudáveis e mais lúcidas, que seus predecessores;
- As distinções sociais poderão ser ainda maiores e mais intensas. No que se refere à pobreza e à criminalidade, as pessoas que cometerem algum crime poderão cumprir suas penas e, ainda, voltarem à criminalidade;
- As pessoas atuarão no mercado de trabalho por mais de 30 ou 40 anos e os mais ricos, por exemplo, deixarão mais herança para seus filhos e ainda doarão parte de seu patrimônio para entidades filantrópicas;
- Mudanças relacionadas ao estilo de vida são esperadas, por exemplo, as concepções de educação, em que as pessoas terão várias formações, casamento, família, pois poderão existir várias gerações, e trabalho, pois aumentarão as oportunidades de trabalho para indivíduos idosos.

Essas predições são salutares, tendo em vista que também nos incluímos na perspectiva de aumento da qualidade de vida e expectativa de vida para os próximos anos de nossa vida.

3.6 INSTITUCIONALIZAÇÃO DO IDOSO

Segundo dados históricos, as primeiras instituições filantrópicas destinadas a abrigar pessoas idosas surgiram no Império bizantino no século V da era cristã. O código Justiniano, que regulamentava a legislação do Império no ano de 534 faz referências aos gerontocômios e é comumente citado como fonte de datação histórica do termo (REZENDE, 2002).

Na Itália, os atuais estabelecimentos que prestam assistência aos idosos são denominados gerontocômios. Gerontocômios referem-se, nos dicionários portugueses, referem-se a hospício, hospital, asilo, abrigo ou albergue para idoso. É necessário lembrar que hospício, no passado, não era somente manicômio, significa também abrigo ou albergue (VECHIATO, 2010).

De acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2006, p. 18), institucionalização é o “ato ou efeito de institucionalizar”. Institucionalizar, por sua vez, é dar caráter de institucionalizado é aquele a quem se dá ou que “dar forma institucional”.

Dessa forma, o idoso institucionalizado é aquele a quem se dá ou que adquire o caráter de instituição, que se transforma em instituição, o que, obviamente, não faz sentido (REZENDE, 2002).

Por sua conotação pejorativa de abandono, de pobreza ou rejeição familiar, as denominações de asilo e albergue tem sido substituídas por outras mais eufêmicas, como Casa dos idosos, Lar dos idosos, dentre outros, tanto em instituições de caridade, como em estabelecimentos públicos ou privados. Num primeiro momento, parece que a essência das instituições geriátricas não foge à estrutura das outras instituições, ou seja, elas surgem da necessidade de excluir pessoas que não mais aderem à ordem geral instituída e com as quais o estado e a sociedade não sabem como lidar (VIEIRA, 1996).

Para que o idoso se integre à sociedade, é imprescindível que ele seja informado do processo do envelhecimento e das transformações rápidas e sucessivas que ocorrem em seu meio social. A experiência de um adulto idoso em uma instituição será positiva ou negativa, dependendo muito do fato de a mudança ter sido voluntária e antecipada ou não. Segundo Brock, Guralnik e Brody (1990 *apud* VECHIATO, 2010), o número de mulheres em instituições é maior do que a de homens, em ambos os grupos etários, e muito mais idosos recebem tais cuidados, embora esse dado possa se situar muito aquém daquilo se imaginou.

3.6.1 As instituições asilares: definições e características

Na sociedade em geral, ainda é frequente a prática do asilamento como opção para os problemas da velhice. Ao longo dos anos, essa modalidade de assistência tem sido praticamente exclusiva como resposta institucional para o segmento dos idosos necessitados. No Decreto que regulamenta a Lei nº 8842, de 04.01.94, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, encontramos que:

[...] entende-se por modalidade Asilar o atendimento, em regime de internato, ao idoso sem vínculo familiar ou sem condições de prover a própria subsistência de modo a satisfazer as suas necessidades de moradia, alimentação, saúde e convivência social (BRASIL, 1994).

Porém, se o asilamento é apresentado como alternativa para os problemas da velhice, os aspectos negativos da institucionalização se fazem presentes, gerando a segregação dos segmentos (familiar e profissional) que, conforme Mota (1990), são afastados do ambiente social e humano que sempre frequentaram e, destinados a viver entre iguais sob a exigência de normas administrativas e disciplinares.

As instituições asilares como sendo 'instituições totais', que diferem das demais por sua capacidade de realizar todos os aspectos da vida (são eles: abrigo, saúde, atividades de lazer, atividades educacionais, entre outras) num mesmo local e, geralmente, sob uma única autoridade. O aspecto de tutela é destacado na definição de Vieira (1996, p. 89), segundo o qual:

As Instituições Asilares são grupos sociais oficiais que vivem sob um sistema de regras próprio, que determina a vida destes grupos. As Instituições assumem um caráter Asilar quando tutelam um indivíduo, retirando-o do meio social em que vive, para colocá-lo em um lugar isento das leis gerais, sob representação social da instituição.

A normatização das atividades diárias, a uniformização e a disciplina caracterizam essas instituições, não permitindo ao indivíduo, muitas vezes, preservar sua singularidade e seu espaço. Apesar dessas características da institucionalização, o que se tem em nossa prática é a procura relativamente freqüente de idosos, inclusive saudáveis e independentes, por asilos onde possam viver com maior segurança e tranquilidade com os poucos recursos disponíveis.

3.6.2 Inserção do idoso em asilos

Já que envelhecer é uma condição com a qual a maioria das pessoas deverão passar, e que tem como garantia os avanços científicos na área da saúde para isso, o que difere um envelhecer de outro é as formas materiais e simbólicas que identificam socialmente cada indivíduo.

Em verdade o ato de envelhecimento tem sido analisado sob múltiplos aspectos, dentre eles: a sociabilidade, as relações entre as gerações, as transmissões materiais e afetivas, o asilamento, entre outros fatores, como classe social, gênero, etnia. Estes aspectos são mais pontuais quando se analisa a questão sob a ótica do asilo.

O problema para cada família é tentar equilibrar as necessidades de todos no sistema: a necessidade de independência e controle para o idoso: o apoio financeiro disponível; as necessidades dos membros mais jovens da família que têm suas próprias vidas a serem conduzidas.

O idoso deve ser incentivado por familiares, amigos e profissionais da saúde a participar de atividades, no meio familiar e na comunidade em que vive (RODRIGUES, 1996 *apud* PEIXOTO, 2004). As famílias mais abastadas ou idosas com renda própria podem encontrar num asilo o lugar para deixar o idoso morar com

conforto e até luxo, algumas vezes, como principal objetivo o lucro, ou seja, mais conforto, respeito.

Quando a própria instituição possui níveis elevados de afetividade, individualização e oportunidade de escolha e controle, mesmo uma mudança involuntária não irá necessariamente acelerar o processo de declínio físico ou mental.

Qualquer pessoa que se aventure pode aplicar seu capital abrindo um asilo com fins lucrativos. Raras são as instituições que possuem um bom padrão profissional. Há uma infinidade de asilos caros, porém execráveis, nos quais a alimentação, as condições sanitárias, o equipamento médico e, acima de tudo, os tratamentos dispensados aos pacientes, são totalmente inadequados (COMFORT, 1977).

Seria importante diferenciar e classificar (em termos de qualidade na prestação de serviços) os diversos “estabelecimentos” que se propõem a prestar assistência à terceira idade. Esta diferenciação e classificação devem estar diretamente relacionadas ao tipo de paciente que eles atendem e as suas reais necessidades. Isto evita o desperdício e ociosidade dos recursos materiais e humanos. A prática mostra que uma clínica geriátrica que presta assistência a pacientes severamente demenciados, deve oferecer recursos diferentes dos que seriam necessários numa casa gerontológica ou *day-center* (Centro de cuidados diurnos). Por isso, a classificação dos serviços é fundamental no estabelecimento de critérios de qualidade específicos, de acordo com a clientela (VIEIRA, 1996).

Os asilos que funcionam sob a forma de instituições fechadas deveriam receber constantemente a visita de comissões de inquérito, a fim de se impedir a virtual prisão em regime de incomunicabilidade dos pacientes.

Segundo Moragas (1997), a barreira que as instituições totais colocam entre o asilo e o mundo externo assinala a primeira mutilação do eu. Na vida civil, a seqüência de horários dos papéis do indivíduo, tanto no ciclo vital quanto nas repetidas rotinas diárias, assegura que um papel que desempenhe não impeça sua realização e suas ligações em outro.

Os idosos perdem sua individualidade que se processa dentro de uma instituição, sendo resultante do conflito entre o mundo do internado, tudo o que se aprendeu e foi antes de se asilar, e o mundo da equipe profissional, que se identifica na maneira como interpretar e tratar o problema do asilado com o mundo da própria

instituição, sua história e seus regulamentos. O internado é sem dúvida, a parte mais fraca deste conflito, pois fatalmente o mundo da equipe profissional e o da instituição se juntam levando o mundo do asilado a se desfigurar, levando-o a assimilar um novo tipo de vida.

A preocupação maior destas instituições tem sido em relação ao seu bom funcionamento, desta forma, em termos administrativos, têm sido pensadas e repensadas, mas pouco se tem feito em termos de trabalho social com idosos. Muitas delas propõem-se a cuidar das pessoas idosas e, para tanto, organizam-se em função do que um idoso necessita: alimentação, higiene, abrigo, cuidados médicos, distração para passar o tempo.

As casas de repouso, e os asilos, constituem alternativas de cuidados para aquelas pessoas idosas mais frágeis e muito dependentes para executar suas tarefas básicas da vida diária e, por várias razões de ordem médico-sociais, não podem ser mantidas nas suas residências (BOECHAT, 1996).

Estes estabelecimentos, em grande número fundado por ordens religiosas, ou de iniciativa filantrópica, constituem a modalidade mais antiga e universal de atenção ao idoso fora de sua família. No entanto, têm o inconveniente, na maioria dos casos, de levar os idosos ao isolamento e à inatividade física em decorrência de manejo técnico inadequado e dos custos altos dos serviços de apoio. Constituem, por isso, a última alternativa a ser considerada nos serviços sociais a serem oferecidos na atenção a este segmento populacional. Há de se ressaltar a importância de se realizar uma avaliação médico-social rigorosa destes pacientes antes de encaminhá-los a estas instituições. Deve-se, entretanto, lamentar o destino dos sobreviventes, que pode ser resumido em poucas palavras, num grande número de casos: abandono, segregação, decadência, demência, morte.

Para Berger (1995), a melhor solução, estivesse dela ciente o contribuinte, seria retirar o dinheiro público da máfia branca e investí-lo em centros criados e mantidos cientes da possibilidade tanto de tratamento e residência internos como de serviços assistenciais avulsos (de preferência vinculados à Administração de veteranos, organização cujo programa gerontológico se encontra em estágio bastante avançado). Também seria muito útil organizar sistemas assistenciais e terapêuticos a domicílio (os quais poderiam inclusive empregar indivíduos idosos capacitados), juntamente com um bom esquema de segurança, possibilitando ao indivíduo passar a velhice em sua própria residência.

Parece que existem caminhos autênticos para resgatar ou desenvolver a especificidade, a objetividade e a funcionalidade da instituição asilar geriátrica, que não passa pela tentativa de perenizá-la, mas pelo esforço de colocá-la em ação, evoluindo para o interesse do usuário e estabelecendo uma crítica constante dos procedimentos terapêuticos e “ressocializantes”, descaracterizando a instituição e a família como instância repreensiva.

A grande questão não é a existência de instituições geriátricas, mas a inexistência de assistência digna nesses lugares, para idoso que realmente necessitem desse serviço (VIEIRA, 1996). Algumas atividades que podem ser desenvolvidas nos asilos são distribuídas em três tipos: atividades produtivas, de manutenção ou de ajuda; atividade de lazer e atividade religiosa.

Podemos concluir que a população dos asilos é constituída na grande maioria de homens e mulheres sem recursos e depauperadas que dedicaram suas vidas cuidando dos filhos e no final dela o que receberam foi à rejeição e o esquecimento.



Foto 4 – Idosos residentes no Asilar
Fonte: Arquivo pessoal.

Capítulo IV - Maturidade

4.1 METODOLOGIA

É certo termos como clara a função primordial da metodologia científica para a execução e realização de trabalhos científicos, não apenas para autenticar a veracidade dos fatos investigados, levantados por indagações e questões referentes a dado corpo social, mas também para permitir que inserções possam ser feitas de maneira a modificar, ou a melhorar, dada realidade em que este corpo social esteja inserido.

Acredito que foi assim que o homem evoluiu perante os demais seres em que, longinquamente nos seus primórdios, ele passou a inferir experimentos no meio em que estava inserido de maneira a perceber que dadas ações culminavam em reações que poderiam ser positivas ou negativas. Não que os aspectos metodológicos em si devam resultar em um trabalho que focalizará ao que o pesquisador pretendia, muito pelo contrário, a metodologia científica poderá refutar aquilo que se pensava e aular a buscar às respostas necessárias para a compreensão de dada realidade social.

É com esse foco que penso, hoje, ser o primordial papel da metodologia científica para o homem, permitir a descoberta de realidades que o circunda e refutá-las, ou afirmá-las, de maneira que esse homem possa dentro de suas ações melhorar o seu meio e a convivência com os demais homens, ou, no mínimo, explicitar questões que possam instigar outros a investigar e encontrar soluções, tendo em vista que não são as respostas prontas que movem o mundo, mas as indagações e questionamentos constantes.

4.1.1 Local de estudo

O ambiente de asilo em estudo, Asilar como é comumente chamado, localiza-se na cidade de Cuité – PB, localizada a 264 km da capital paraibana, e inserida na microrregião do Curimataú Ocidental. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2006 sua população era estimada em 24.900 habitantes. Área territorial de 758 km².

Hoje o Asilar é uma associação intitulada Casa do Idoso Vó Filomena Maria da Conceição Dona Zefinha.

Tem suas origens aonde antes se encontrava um lixão, vindo a servir de abrigo para os idosos após ter tido a função de casa de prostituição e de capacitação para servidores da Prefeitura Municipal.

No momento da pesquisa, realizada ao longo do mês de janeiro, do ano de 2011, mais especificamente entre os dias 09/01 até 22/01, conviviam no Asilar 28 sujeitos, sendo 21 do gênero feminino e 7 de gênero masculino. Estes tem dentre as suas limitações, e necessidades de atenção, especiais as física, mentais e fisiológicas, das quais, algumas os impossibilitam de até mesmo relacionar-se com os demais pares, ou seja, tem além de deficiência visual, a auditiva e a locomotora.

Um caso que ilustra essa situação é a da mãe e filha que convivem neste ambiente, sendo a filha deficiente visual, auditiva e física, tendo em sua genitora, a provedora de todos os recursos de que necessita, tais como banho, alimentação e ingestão de medicamentos que venha a necessitar. É interessante a forma de comunicação que há entre ambas, onde por meio de sons emitidos ao bater na cadeira de rodas, a mãe condicionou-se a perceber que a filha deseja algo, e dentre os seus desejos vem a alimentação e/ou desconforto com o local aonde esteja sua cadeira de rodas. É, portanto, imperioso que a mãe, mesmo sendo uma das mais idosas, fique sempre atenta à filha que se comunica com ela e necessita de sua atenção para manter-se viva.

O espaço destinado aos idosos é higiênico, amplo, com adaptações necessárias para as limitações dos que convivem nele, seguro e detem uma equipe dedicada ao cuidado e atenção a estes idosos, muito embora esses não tenham cursos e nem capacitações para o trato com tal público.



Foto 5 - Vista da fachada do Asilar.
Fonte: Arquivo pessoal.

Paulatinamente outros grupos adentram no ambiente de asilo em estudo, de forma a contribuir com trabalho voluntariado, ou mesmo com melhorias na infraestrutura do local, como foi o caso do projeto Mandalla² que instalou uma horta no ambiente de asilo em estudo e também de grupos religiosos que aparecem para fazer ações de catequização.

Parte da receita que mantém o Asilar é oriunda dos próprios idosos que recebem pensão, ou são aposentados rurais, ou parte, é mantida pela prefeitura, no que diz respeito os funcionários lá lotados. Este ponto é frágil, tendo em vista que com as modificações da gestão municipal, que podem ocorrer a cada ciclo de quatro anos ou mesmo de no máximo oito, o Asilar corre o risco de ter projetos e ações ora desenvolvidos serem desmotivados a ponto de parar e ter-se novos implantados ao custo de todo um trabalho ser alijado por conta de disputas partidárias, o que não ajuda em nada os sujeitos deste ambiente.

Talvez a implantação de funcionários concursados e de uma equipe alheia ao que se passa pelas querelas partidárias, venha a servir de forma mais efetiva aos anseios dos sujeitos asilados, permitindo com isso, conseqüentemente, que a sociedade civil organizada adentre de forma mais participativa na vida deste asilo.

² O projeto Mandalla é composto de uma horta circundada por círculos nos quais são plantadas diferentes culturas de alimentos, tais como: milho, feijão, tomate, pimentão, coentro, entre outros, e no centro do círculo um lago para a criação de peixes e marrecos.

4.1.2 Corpus

Ao iniciar nossas atividades profissionais na cidade de Cuité, em meados do ano de 2006, percebemos que poderíamos colaborar, de forma mais efetiva, com nossa experiência de trabalho no âmbito social desta cidade. Assim, ao saber do Asilar, imediatamente concorremos para o que já havíamos trabalhado em João Pessoa, com grupo de idosos e leitura. Iniciamos nosso relacionamento com o objeto de estudo, que ora é tema desta dissertação, indo via institucional, iniciar o trabalho de extensão junto ao público de idosos do Asilar na época.

O tempo de trabalho e relacionamento, entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, serviu de estreitamento para melhor vislumbrar as necessidades desta parcela populacional, de tal maneira que nos inquietamos com o cotidiano apresentado, vindo a pretendemos tal estudo de pós-graduação a fim de colaborar não somente para o entendimento destes sujeitos enquanto práticas de informação, mas também, e mais importante, com a divulgação e exteriorização da realidade em que estão inseridos estes sujeitos para instituições fora dos muros do Asilar, e desta feita, permitir outros estudos e inserção de novos olhares sobre estes problemas, na perspectiva da CI.

O trabalho que nos permitiu tal aproximação entre idosos e academia científica foi o projeto de extensão do CES, campus da UFCG, por intermédio da biblioteca do CES, ao longo de três anos. Tempo este que nos permitiu conhecer e compartilhar com estes idosos experiências de vida das mais variadas, com os sujeitos pesquisados e com a administração do local.

O projeto de extensão denominava-se “Biblioterapia e terceira idade: a função terapêutica da leitura em idosos asilados na cidade de Cuité – PB como ferramenta de inclusão social”, já citado na justificativa de nosso estudo. Porém, o que não dissemos foi que a experiência compartilhada neste tempo, com estes sujeitos, nos inquietou de tal maneira que buscamos, ao desenvolver a dissertação ora apresentada, construir um material de relevância para os mesmos.

Tendo sempre como viés a perspectiva social de inclusão destes idosos junto ao meio em que convivem, já que este é o ponto crucial não somente deste estudo, mas também de todo o tempo de trabalho que estivemos com os sujeitos pesquisados. É muito importante que venham a existir condições de

compartilhamento de experiências entre os idosos asilados e os demais participantes da sociedade Cuiteense, ou estando na sua prática informacional, ou estando em relacionamento com grupos religiosos, ou estando dentro do próprio asilo uns com os outros.

Tendo a experiência da prática e realização do projeto de extensão, foi possível perceber a velhice como sendo uma etapa do ciclo da vida, a qual uma parcela crescente da população brasileira vem alcançando cada vez mais em virtude dos avanços científicos, e desfrutando por mais tempo, em virtude do aumento da expectativa de vida e do acelerado envelhecimento populacional do país nas últimas décadas.

Tal fato vem despertando a atenção para os problemas enfrentados pelos idosos e a necessidade de se garantir condições que propiciem envelhecer com dignidade. Afinal, para os idosos abastados com recursos financeiros e pertencentes a classe econômica média e alta, não sentem os efeitos negativos propiciados por este período de vida, os que estão inseridos em total condição social de ausência econômica sentem, neste período de vida, as dificuldades e exclusão advinda dos demais participantes de nossa sociedade, que não percebem suas presenças, já que não se constituem em consumidores de serviços ou produtos.

Assim, e da mesma forma como a passagem da infância para a adolescência e desta para a vida adulta são fases marcantes de transição, o envelhecer é também uma experiência de mudanças em diversas áreas, caracterizada pela progressiva redefinição da identidade social.

Há um natural afastamento do público mais jovem deste, e vice-versa, e isto tem se intensificado nas últimas décadas em função das rápidas mudanças de valores sociais e transformações tecnológicas que dificultam a comunicação entre jovens e idosos dentro da família. Na convivência familiar, esse afastamento é demonstrado pela diminuição crescente da comunicação e diálogo entre seus membros, favorecida muitas vezes pela mobilidade sócio cultural que distancia os mais jovens de seus ascendentes. Este impacto é mais sentido na realidade dos idosos do Asilar que em muitos casos, foram alijados a este espaço justamente por não ter parentes, descendentes e nem a disposição de pessoas do seu entorno em cuidar deles nesta fase da vida.

Muitos dos participantes da pesquisa relataram que um dos motivos da sua vinda para o Asilar foi o fato de ter adoecido e não ter ninguém para cuidar do

mesmo. Outro foram deixados pelos seus familiares com a promessa de retorno para buscá-los, o que nem sempre ocorre.

A visibilidade social das questões do envelhecimento é um convite à reflexão dos que lidam com idosos, para que possam rever atitudes que reproduzem estigmas, desenvolvendo um olhar que considere a humanidade do idoso.

Sendo a cidade de Cuité desprovida de infra-estrutura adequada em várias áreas – ainda por ser um município pequeno - e atenção, por parte das autoridades públicas, junto a sua população, percebemos que a parcela de pessoas idosas fica desprovida da atenção básica que lhe é necessária, sobrando apenas o trabalho digno e heróico das pessoas que mantêm o Asilar, em sua maioria das vezes com recursos provenientes dos próprios idosos. Sendo assim, a parcela de contribuição que a universidade presta a este público é, sem sombra de dúvidas, incalculável e digna de mérito, pois, é a presença das pessoas que fazem parte da comunidade acadêmica e que serve de ponte entre àquela comunidade de idosos e a comunidade exterior e circunvizinha ao mesmo.

Durante toda a realização do projeto de extensão foram abordados temas os quais foram tidos como metas para a realização dessas atividades. O público-alvo foi assistido de forma que ocorreu uma interação contributiva para satisfação dos mesmos, levou-se até eles a importância da leitura.

Foram lidos textos que abordavam temas relacionados à velhice, direitos dos idosos, além de textos bíblicos. Após a realização dessas leituras eles despertavam seu senso crítico dando suas opiniões e expondo sua capacidade de discutir sobre determinados temas abordados. Eles, em conversas abertas, expuseram suas vidas ao relatar acontecimentos e emoções marcantes. Todos eram ouvidos e depois para fugirmos dessas lembranças fazíamos brincadeiras e, nessas, eles revelavam diversos talentos. Descobrimos cantores, poetas, professores, humoristas, enfim, diversos artistas, neste ato de descontração, sorrisos, aplausos e felicidade generalizada, eram dados em forma de satisfação.

Tendo esta experiência em mãos, buscamos suporte na pesquisa descritiva para a realização desta dissertação, pelo fato de que a mesma expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza. Não tem compromisso de elucidar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal.

Vergara (2003, p. 47) argumenta que “a pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza”.

Gil (1994, p. 46) acrescenta que algumas pesquisas descritivas “vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação”.

Ludke (1986, p. 76) faz referência expressa à formulação de hipóteses no estudo descritivo, ao afirmar que: “uma pesquisa descritiva pode ser um estudo de verificação de hipóteses, o qual contém hipóteses explícitas a serem verificadas, derivadas da teoria, consistindo-se em caso de associação de variáveis”. Trata-se, portanto, de uma modalidade de pesquisa cujo objetivo principal é descrever, analisar ou verificar as relações entre fatos e fenômenos, ou seja, tomar conhecimento do que, com quem, como e qual a intensidade do fenômeno em estudo.

A pesquisa descritiva pode também ser utilizada para avaliação de programas, sendo que tais estudos podem, ou não, trabalhar com a formulação de hipóteses e muitas vezes podem servir de base para estudos de relações causais, o que se encaixa em nossa pretensão de trabalho. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, no seu campo de pesquisa participante. Já que estivemos, pelo tempo já dito, em relacionamento com os sujeitos pesquisados, não poderíamos ter outra perspectiva de abordagem que não fosse a da pesquisa participante.

A pesquisa participante insere-se na pesquisa prática, classificação apresentada por Demo (2000, p. 21), para fins de sistematização. Segundo esse autor, a pesquisa prática

[...] é ligada à práxis, ou seja, à prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção; nesse sentido, não esconde sua ideologia, sem com isso necessariamente perder de vista o rigor metodológico.

Há na pesquisa participante um componente político que possibilita discutir a importância do processo de investigação tendo por perspectiva a intervenção na realidade social. E tendo vivência junto aos sujeitos ora participantes desta pesquisa, sentimo-nos à vontade para tal intervenção metodológica.

4.1.3 Instrumento de coleta de dados

Para a apreensão dos dados utilizou-se como instrumento de coleta de dados: a entrevista estruturada (Ver apêndice B). A entrevista estruturada configura-se como um processo de interação social no qual uma das partes, o pesquisador, tem por objetivo principal colher o máximo de informações possíveis do pesquisado (HAGUETTE, 1992).

Esse objetivo é atingido seguindo um roteiro pré-elaborado; quero destacar que o roteiro se constituiu apenas num caminho de orientação para que o pesquisador melhor direcione as informações que deseja obter. Entrevista estruturada é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido, as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano.

Esse procedimento foi importante, tendo em vista o relacionamento anterior entre os sujeitos pesquisados, o pesquisador e o local de estudo, pois ao desenvolver o projeto de extensão, foi possível conhecer as limitações dos sujeitos pesquisados e escolher a entrevista como sendo um instrumento que pudesse permitir ao máximo a obtenção de dados para fundamentar o intento da dissertação. Mesmo porque a oralidade é muito presente junto aos sujeitos pesquisados e encontramos na entrevista um canal de materialização do conhecimento presente nestes sujeitos.

Utilizou-se também o folder (ver apêndice E), que serviu de instrumento de apresentação do interesse e objetivos da pesquisa a qual realizou-se no Asilar. Neste colocamos os currículos do pesquisador e da orientadora, assim como também informações pertinentes quanto a pesquisa, objetivos de estudo e dados do PPGCI/UFPB, a fim de permitir aos sujeitos da pesquisa, e demais sujeitos circundantes ao Asilar, conhecer o propósito da pesquisa e colaborar com a mesma de forma mais tranqüila e transparente possível.

O folder teve por interesse demonstrar, e ilustrar, a pesquisa realizada no Asilar, não para os sujeitos pesquisados, mas primordialmente, para os sujeitos circundantes ao asilo. Isso foi importante, pelo fato de que na cidade de Cuité há um forte sentimento político que entrelaça-se em todos os meandros sociais, de tal

forma, que um participante de dado gosto político poderá não ter ascensão, e nem mesmo aceitação, em um outro que tenha preferência por outra cor partidária. Assim, com a entrega do folder, e explicitação do que se pretendia, mais o fato de já sermos conhecido pelos sujeitos pesquisados, pudemos ter uma aplicação da pesquisa de forma a não adentrar em méritos de outra ordem que não fosse a da pesquisa propriamente.



Foto 6 – Idosos residentes no Asilar
Fonte: Arquivo pessoal.

Capítulo V – Melhor idade

5.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Mediante a apresentação do folder e da aplicação do instrumento de coleta de dados, foi possível traçar um perfil destes sujeitos asilados na cidade de Cuité, tendo sempre em perspectiva que dos 28 sujeitos asilados, apenas 7 mais a diretora do Asilar puderam participar da pesquisa, principalmente por conta de suas limitações anteriormente já mencionadas.

Destes que participaram, temos o seguinte quadro norteador de suas características sócio-demográficas.

Entrevistados	Características
Entrevistado 1	Gênero feminino 60 anos de idade Cursou até a terceira série do primário Mora há mais de quatro anos no Asilar Tem renda mensal de 1 salário mínimo Não tem filhos
Entrevistado 2	Gênero feminino 70 anos de idade Não estudou Mora há três anos no Asilar Tem renda mensal de 1 salário mínimo Não tem filhos
Entrevistado 3	Gênero feminino 70 anos de idade Primário completo Mora há 09 meses no Asilar Tem renda mensal de 2 salários mínimos Tem 01 filho adotivo
Entrevistado 4	Gênero feminino 62 anos de idade Estudou até a quinta série do ginásial Mora há mais de quatro anos no Asilar Tem renda mensal de 1 salário mínimo

	Não tem filhos
Entrevistado 5	Gênero masculino Não lembra de sua idade Não estudou Mora há 01 ano no Asilar Tem renda mensal de 1 salário mínimo Não tem filhos
Entrevistado 6	Gênero feminino 93 anos de idade Não estudou Mora há mais de quatro anos no Asilar Não tem renda mensal Tem 01 filho
Entrevistado 7	Gênero feminino 89 anos de idade Alfabetizada Mora há 08 anos no Asilar Tem renda mensal de 1 salário mínimo Não tem filhos

Quadro 2 – Características sócio-demográficas dos sujeitos pesquisados.

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Pelas características apresentadas no conjunto dos dados coletados, é sabido que em sua maioria os idosos asilados no Asilar são sozinhos, não tem descendentes e nem familiares próximos. A condição de solidão é presente em todos, na sua maioria, que não lembram de pessoas familiares e nem muito menos de ter recebido visita no últimos meses.

Especialmente a característica de não ter tido acesso à escolarização, ou ter o mínimo para ser considerado alfabetizado, traça um caminho de exclusão que ocorre desde sua infância, fazendo com que estes sujeitos estejam hoje à margem de uma sociedade dita de informação. Em outro momento de suas vidas, tiveram que optar pelo trabalho no campo, ou mesmo doméstico, em contraposição a precisão de ser nos dias atuais um sujeito ativo e participante das decisões sociais com maior ênfase.

O prejuízo social para estas pessoas, em virtude de sua baixa escolarização, ou total presença dela, faz com que eles estejam muito mais aquém do que se poderia esperar de pessoas em idade propícia à utilização de recursos informacionais, tendo em vista o tempo ocioso que detém. Porém, as limitações educacionais não permitem aos mesmos terem acesso às informações para o seu cotidiano propriamente dito, até mesmo as elementares como um cartaz avisando de perigos ao manusear tomadas elétricas ou cartazes proibindo o acesso a diferentes partes do asilo.

Outra vertente desta característica faz com que estas pessoas sejam refém daquelas que ao longo dos anos utilizaram-nas como massa de manobra, inclusive no aspecto político, e também econômico, vindo a ser vítimas produzidas por políticas públicas anteriores, em que não se pensou, e nem mesmo esperou, que essas pessoas pudessem em suas idades vir a serem sujeitos participantes, e contribuintes, da vida cultural, social e econômica da região.

As instituições que normalmente abrigam pessoas idosas são classicamente chamadas de asilos ou albergues. Os idosos são neles recolhidos por não terem parentes que os assistam ou porque seus familiares não podem ou não querem cuidar dos mesmos. Já os asilos geriátricos dos Estados Unidos recrutam como empregados “pessoas apanhadas aleatoriamente nas ruas, as quais recebem um salário irrisório pelo trabalho, não passam por nenhum treinamento específico e são exploradas ao máximo” (COMFORT, 1977, p. 50).

No Asilar da cidade de Cuité, em sua maioria, reforçando essa afirmativa a amostra estudada, os idosos encontram-se lá ou porque não tem ninguém para cuidar-lhes ou porque àqueles que deveriam cuidar deles não querem. Apenas utilizam-se de seus rendimentos, mas não querem cuidar de suas limitações e nem muito menos de seus problemas de saúde. Um caso exemplar disto que falamos é de uma das entrevistadas que tem parentes na cidade, mas, em virtude de sua deficiência física, nenhum deles quis ter a atenção para com a mesma, deixando-a no Asilar.

Outro exemplo é de uma das participantes que diz em sua fala que foi deixada por seus familiares apenas para tratar de sua saúde, mas que assim que ficar bem, eles voltarão para lhe apanhar.

Segundo Vieira (1996), o asilo é uma instituição tida como um estabelecimento que oferece abrigo às pessoas idosas, onde essas ficam isentas e,

muitas vezes, impedidas de exercerem sua cidadania, tendo em vista não terem mais um lar, um local para moradia e nem o convívio com os seus entes familiares, o que por si só já retira desse sujeito, toda e qualquer condição cidadã. No caso do Asilar, há um agravante na situação de isolamento social: a instrução escolar. Pela condição de residir em áreas rurais, a sua instrução escolar foi afetada, já que em tempos anteriores, a instrução escolar era alijada em detrimento de se trabalhar na terra para ter-se a subsistência familiar, sendo, portanto, imperioso que as famílias trabalhassem na terra para dela retirar seu sustento.

No caso das mulheres, era imputado a condição de serem prendadas em seus lares para conseguir um bom casamento e cuidar das coisas domésticas, e não receber instrução formal. Os homens por sua vez, deveriam trabalhar para poderem ter com o que se sustentar financeiramente e à sua família. Havia ainda a questão geográfica que dificultava o acesso ao local da escola, que muitas das vezes existiam apenas nos centros urbanos, deixando toda uma população residente nas zonas rurais isoladas do ensino formal.

Outra característica comum a todos os sujeitos pesquisados, e também para os demais residentes, é que não conseguiram constituir família, ficando, desta feita, obrigados a se internarem em um local como o Asilar, para poder, pelo menos, ter outros que pudessem compartilhar de suas necessidades e ter, principalmente, outros para cuidar deles.

É perceptível a necessidade que todos tem de cuidados, não apenas de saúde, mas de afetividade e de atenção. São seres humanos repletos de experiências que não podem ser compartilhadas com outros, ou porque estes outros não têm condições de entendimento, ou porque estes outros, que seriam a comunidade circunvizinha, não comparecem no espaço do Asilar para compartilhar deste conjunto de saberes. Este ponto tem forte influência na saúde mental desses idosos, tanto que pode influenciar em um estado de depressão que levará conseqüentemente a um quadro de isolamento não apenas social, mas também dos demais que o circundam. Segundo Neri (1999), parece haver diferenças significativas entre saúde mental e percepção do envelhecimento.

Em países como o nosso, cheios dos problemas derivados do subdesenvolvimento e de necessidades cada vez maiores, normalmente o Estado tende a fixar sua atenção e esforço na solução de problemas conjunturais,

problemas que afligem à generalidade dos habitantes. O estado empobrecido não prestigia determinados setores da população, como exige a terceira idade.

Por isso, é quase certo dizer que os idosos de nossa sociedade estão marginalizados. Eles estão excluídos da produção contra sua vontade, tornam-se pouco consumidores de bens e serviços industrializados e tendem a consumir maiores recursos da saúde, e acabam sobrevivendo a expensas de uma sociedade quase sempre hostil, recebendo as ajudas caridosas que esta se digna oferecer-lhes (NERI, 1999).

A mídia foi a primeira a detectar essa situação deplorável dos idosos. Os idosos só aparecem em propaganda de planos de saúde, no marketing de supermercados estão às pessoas de meia idade e todos os demais prazeres da vida são monopolizados pelos jovens, inquietos, barulhentos e coloridos. Mas quem paga a conta dos prazeres são as pessoas de meia idade e quem ajudou a erigir a estrutura social, essa mesma estrutura social dos prazeres, foram os idosos (BOAIMAIM, 1999).

Para Boaimaim (1999), infelizmente, um dos sintomas deste descuido social geral para com o idoso é o escasso conhecimento que se tem de sua realidade psicológica, de sua subjetividade e da percepção que ele tem de si mesmo e do mundo em que vive.

Os sujeitos do Asilar são pessoas alheias ao mundo que os circunda, contudo, ao serem motivados, rapidamente estabelecem relação com àqueles que os indagam e compartilham conhecimentos adormecidos em seu íntimo. O que não ocorre frequentemente é a busca da sociedade exterior do convívio e sapiência dos idosos asilados, tendo em mente, acredito, que são pessoas que precisam ficar quietas e a espera do fim de sua jornada terrena. O que não é verdade, todos os sujeitos pesquisados, e os demais, são pessoas humanas que querem, e precisam, relacionar-se com os indivíduos que estão fora do acesso do Asilar, contudo, em decorrência de suas limitações, não podem fazê-lo, apenas aguardar que seja advindo de fora os estímulos para o contato e correlacionamento.

Os estudos referidos à velhice se concentravam, em geral, nos aspectos demográficos, socioeconômicos, de seguridade social e de saúde física, deixando de lado a saúde emocional e o colorido dos sentimentos da pessoa que envelhece. Hoje, conforme Batalha et al. (2010, p. 28):

[...] no entanto, as abordagens acadêmicas sobre a terceira idade avançam e dão respaldo à implantação de políticas públicas direcionadas aos idosos. O interesse pelo tema no Brasil representa uma mudança de paradigma, já que ações de saúde pública no país apenas recentemente passaram a contemplar este crescente segmento da população.

É, pois, imperioso que a sociedade de um modo geral, e a medicina psiquiátrica em particular, se aproximem e conheçam a dimensão subjetiva, a problemática da saúde emocional e as potencialidades subjacentes do idoso.

Muito pouco se sabe sobre como o idoso percebe a si mesmo e a seu envelhecimento, e isso será apenas o primeiro passo para estabelecer uma atenção psicológica e rastrear os fatores materiais e sociais que a determinam a angústia e a depressão que rodeiam o envelhecimento.

Cada vez mais que a academia adentra neste universo, maiores são as possibilidades de entendimento, compartilhamento e conhecimento construído acerca deste sujeito, que hoje é idoso, mas que contribuirá para as futuras gerações de idosos que, por ventura, hoje são adultos e/ou adolescentes. De outro lado, focando mais especificamente no objeto de estudo, apresentamos o quadro abaixo com o intuito de elencar os pontos apresentados pelos sujeitos pesquisados no que diz respeito a sua idéia de informação e como esta se apresenta dentro do Asilar.

Variáveis	Entrevistados	Informações
Antes de vir para este lugar, aonde você residia?	Entrevistado 1	Residia na zona rural, no sítio Flores, município de Jaçanã, Estado do Rio Grande do Norte, que fica a oito quilômetros da cidade de Cuité.
	Entrevistado 2	Morava em Cuité mesmo, vizinho a mãe de Dr. Jaime.
	Entrevistado 3	Eu morava em Nova Floresta, aqui perto.
	Entrevistado 4	Morava em Cuité, encostado ao Pedro Gondim.
	Entrevistado 5	Morava no terreno de meu pai, em Pocinhos, Estado da Paraíba.
	Entrevistado 6	Eu morava na terra de Edísio, no sítio Pocinhos, município de Cuité.
	Entrevistado 7	É muita coisa. Eu morava em Tapiá, sítio. Depois fui para casa de Beija, na rua de Cuité.
Sua vinda para cá foi motivada por qual motivo?	Entrevistado 1	Eu vivia doente, e morava com meu marido. Não tenho filhos. Após adoecer, meu marido achou melhor eu ficar aqui. Fui deixada pelo meu marido que não quis cuidar de mim.
	Entrevistado 2	Como sou moça velha, morava com minha mãe e minha Irma, as duas adoeceram, assim como eu, e vim para cá para cuidarem de mim.

	Entrevistado 3	Eu vim por causa de uma queda na porta de saída de casa, e machuquei o braço. Escureceu a vista e cai.
	Entrevistado 4	Me deixaram aqui dizendo que vinham me pegar, mas eu já melhorei e não me dão alta. Eu tô esperando.
	Entrevistado 5	Eu vim morar na rua, e como sou sozinho, não dava para morar mais. Deixei tudo em Pocinhos.
	Entrevistado 6	Porque meu noivo me mandou vir. E eu vim de vontade própria.
	Entrevistado 7	Porque Mariluce adoeceu. E depois eu não pude cuidar dela porque também fiquei doente.
Para obter informação você utiliza-se de que canal: conversas, televisão, rádio, jornal ou outro?	Entrevistado 1	Eu não sei muito bem não. Sei lá! Acho que pela televisão e um pouco de conversas com os outros.
	Entrevistado 2	Eu vim para cá para estudar. Mas gosto de assistir o rádio.
	Entrevistado 3	Conversando com as pessoas de idade que tem o que dizer. Eles tem muitas experiências e sabem muito mais do que eu e me ensinam.
	Entrevistado 4	Eu ouço televisão, música e fico por aqui passeando.
	Entrevistado 5	Eu aprecio muito tudo. Eu só não quero coisa que me ofenda. E a nós todos.
	Entrevistado 6	A gente abre o rádio, ele conversa e a gente responde a ele. E conversando com o povo.
	Entrevistado 7	Da televisão gosto só do repórter e a missa. Do rádio não e converso só com os que tem juízo.
Qual o assunto que mais lhe agrada compartilhar com os demais sujeitos desta instituição?	Entrevistado 1	Não sei não. Sei que de política não. Gosto de beleza, saúde. De corte de cabelo, me arrumar.
	Entrevistado 2	Eu perdi a aposentadoria e fiquei com raiva, minha perna dói demais. Chegando alguém com uma conversa bonita, eu converso. Na minha casa tinha rádio, televisão e telefone.
	Entrevistado 3	Gosto de falar de minhas experiências passadas, do que já vivi. O passado foi melhor que agora. Gosto de falar sobre religião. Vejo a bíblia.
	Entrevistado 4	Eu converso só que quero ir embora, e ninguém vem me buscar, só isso.
	Entrevistado 5	Eu aprecio muito falar de minha vida passada.
	Entrevistado 6	Eu gosto de política, mas o que me perguntarem eu respondo.
	Entrevistado 7	Gosto de dicas de saúde.
Você costuma falar dos assuntos que ouve ou ler para os demais sujeitos desta instituição?	Entrevistado 1	Sim, por meio de conversas.
	Entrevistado 2	Gosto.
	Entrevistado 3	Gosto. Mas para quem entende e gosta de escutar eu falo do que sei.
	Entrevistado 4	Eu gosto de transmitir, de passar, de compartilhar as informações.
	Entrevistado 5	Eu aprecio, respondo tudo. Eles perguntam e eu respondo.

	Entrevistado 6	Gosto de conversar com o povo, as moças, as mulheres e os homens. Gosto de dançar. É bom!
	Entrevistado 7	Eu fico só para mim, porque tem deles coitados, que não entendem do que eu leio e escuto.
Você tem alguma sugestão e/ou crítica que possa melhorar a comunicação dentro desta instituição?	Entrevistado 1	Tá bom, precisa de nada não.
	Entrevistado 2	Tudo certo.
	Entrevistado 3	Na minha opinião enquanto mais coisas melhor.
	Entrevistado 4	Tá tudo bom.
	Entrevistado 5	O que aparecer eu aceito. Tá tudo bom.
	Entrevistado 6	Eu gosto. Tudo bom.
	Entrevistado 7	Tá tudo bom, basta meu crochê.

Quadro 3 – Descrição das entrevistas.

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Pelos dados coletados, neste ponto da pesquisa, é visível que para alguns dos sujeitos pesquisados há dificuldades de entendimento do que foi questionado, assim como dificuldades de se expressar.

Para alguns sujeitos as respostas ficaram sem conexão com o que foi proposto, mesmo o pesquisador tendo interferido em alguns momentos para extrair mais do entrevistado, não interferindo a ponto de fazer com que o entrevistado fosse direcionado para tal resposta, mais sim para esclarecer ao máximo o que se queria perguntar.

Esse evento nos ajuda a compreender, neste momento, as ideias de Beauvior (1990), ao trazer à luz da discussão teórica a correlação entre saúde mental e percepção do envelhecimento faz supor uma influência negativa dos problemas psicológicos sobre a autopercepção dos idosos.

A presença de ansiedade, irritabilidade, sensação de insuficiência, de inutilidade, entre outras, pode levar aos idosos a supervalorizar (e em alguns casos extremos, a acelerar) alguns traços próprios da velhice (BEAUVIOR, 1990).

Da mesma forma, é lícito supor que a presença de certos traços do envelhecimento e seus efeitos nas vidas das pessoas possam gerar problemas psicológicos, já que, as limitações do envelhecimento e a marginalização social concomitante, terminam por afetar o equilíbrio interno dos indivíduos. O mais provável é que exista uma influência recíproca entre ambos fatores, os mesmos que à maneira de um círculo vicioso se retro-alimentam mutuamente.

O período de vivência com estes sujeitos, quando do desenvolvimento do projeto de extensão, permitiu sensibilizar-se com estes e mesmo ante as suas dificuldades em atender as demandas da entrevista, pudemos coletar as informações necessárias para a construção deste material. Afinal, concretizar todo o bojo de saber dos sujeitos pesquisados, fundamentalmente enraizado na oralidade, em um produto concreto e materializado pela escrita, foi desafiador, muito embora, se tivéssemos trabalhado com outro instrumento de coleta, poderíamos ter atingido os objetivos da mesma forma, contudo, a entrevista como sempre foi utilizada, principalmente ao longo do trabalho com o projeto de extensão, percebemos que era uma forma de comunicação com os sujeitos pesquisados que não afetaria o canal já estabelecido, e de confiabilidade entre pesquisador e pesquisado, a fim de alcançarmos os objetivos desejados. Também, a entrevista permitiu aos sujeitos pesquisados externalizar seus sentimentos, vivências e saberes.

Assim, mesmo tendo aportado nossas impressões no instrumento de coleta proposto, nos foi fundamental o tempo anterior de vivência com os sujeitos pesquisados, de forma participante, a fim de servir de complemento para a análise, entendimento e descrição da realidade ora proposta nesta dissertação.

Adiante, a entrevista com a responsável pelo Asilar, que trouxe mais esclarecimentos e pontuou a pesquisa em alguns pontos.

Pesquisador	Entrevistada
Como é de seu conhecimento, este é um trabalho acadêmico, para o mestrado da UFPB. Eu gostaria que a senhora relatasse mais especificamente questões do Asilar, a senhora pode até dizer que é diretora do Asilar [...] qual a sua função no Asilar, é diretora, é coordenadora?	Sou diretora do Asilar.
Há quanto tempo esta nesta função?	Fiquei como diretora do ano de 1999 até 2006, quando houve uma interrupção, tendo em vista mudanças políticas na gestão da prefeitura. De 2006 até 2008 fiquei afastada, retornando em 2009 até os dias atuais.
Como está composta a distribuição dos gêneros no Asilar?	Há 28 pessoas residindo no Asilar, destes temos 07 homens e 21 mulheres.
Por favor, relate-me um pouco da história do Asilar, de sua fundação aos dias atuais.	O Asilar era anteriormente o conhecido toar, este toar era um local aonde vinham mulheres de outras cidades, mesmo que circunvizinhas, se prostituir e ganhar sua vida, sendo assim uma casa de recurso. Nesta época era muito freqüentada por

	toda a sociedade cuiteense. Em seguida passou a ser um espaço utilizado para ministrar cursos, vindo a ser um local para capacitação das pessoas. O Asilar surgiu no ano de 1999, no dia 25 de janeiro de 1999, com 06 idosos. Curiosamente ao entorno desta casa, havia um lixão, ou seja, era uma área utilizada para o descarte de resíduos sólidos e lixo hospitalar. Tudo começou com o sumiço do cachorro do Senhor Oswaldo Venâncio Filho, pertencente a família abastada e que sempre alternou no comando da gestão da prefeitura da cidade. O fato é que informaram que seu cachorro estava aqui e o mesmo veio procura-lo, ao chegar, vislumbrou que neste espaço poderia ser aproveitado de forma mais otimizada, pois o lixo estava comprometendo a qualidade da água da lagoa que fica próxima ao Asilar. O espaço é tão belo e contemplativo, que o Senhor Oswaldo sempre afirma que se a área não fosse da prefeitura, o mesmo compraria para fazer sua residência particular.
Quais são suas maiores dificuldades na execução de seu trabalho no Asilar?	A principal é a financeira, pois a casa é mantida com recursos oriundos dos próprios residentes, e tem da prefeitura a cessão de dois funcionários para limpeza e cozinha. É importante dizer que não pagamos aluguel e nem água e energia utilizada, que é custado pela prefeitura municipal. Quando de seu início o Asilar tinha apenas 6 idosos, e por isso mesmo, a prefeitura ajudava muito mais do que nos dias atuais. Assim, atualmente, a casa tem como mantenedores os próprios residentes que tem vencimentos, não apenas para compra de seus medicamentos, mas para material de limpeza, custeio do veículo, benfeitorias e material de higiene pessoal, além dos mantimentos para as refeições e lanches.
Mediante os meios de captação de informação para os idosos, mesmo tendo diferentes limitações, desde neurológicas, fisiológicas e intelectuais, como a senhora avalia o fluxo informacional no Asilar?	No espaço do Asilar é muito complicado, porque em sua maioria os idosos tem limitações muito determinantes que atrapalham sua captação de informação. Mas vejo que os canais de TV, rádio e conversas são as preponderantes. Mesmo assim, alguns preferem apenas a TV, outros o rádio, mas a maioria prefere as conversas. Ademais, apenas uma residente tem condições de leitura, os outros 27, ou não sabem ler, ou não tem mais condição de leitura.
Este é um grande desafio, e foi o norteador de meu trabalho, pois, como não deixar de pensar em um ser humano que já foi produtivo, deu sua contribuição para a sociedade e hoje encontra-se isolado da sociedade para a qual ajudou a construir. Por mais que este ser esteja limitado, é fato que ele é detentor de alguma informação, mesmo a mais rudimentar, como saber que colocar a mão no fogo queima.	Mas mesmo assim, temos casos de residentes que não sabem mais o que fazer com as coisas do cotidiano, e ficam imersos em um mundo só deles. Como exemplo temos Mimosa que demanda cuidados especiais, pois pode ingerir produtos químicos ofensivos, ou introduzir objetos em seu corpo.
Para a Senhora seria interessante haver um canal de informação externa para o Asilar?	Certamente que sim!

O fato da cidade dispor de um campus universitário, faz com que o Asilar disponha de um canal de informações que podem beneficiar o Asilar?	É muito proveitoso porque da universidade recebemos muitas pessoas com idéias das mais diferentes, e formação acadêmica idem, que nos auxiliam bastante. Principalmente no que diz respeito os projetos da universidade.
Em sua opinião a instalação de um canal de informação fixo no Asilar, como uma sala de leitura, musicoteca, entre outros, viria a ser de grande utilidade para os idosos?	Certamente que sim, pois eles teriam as informações no próprio espaço. Principalmente a musicoteca, já que a música os alegra bastante.
Haveria alguma crítica ou sugestão para acrescentar ao trabalho ora desenvolvido neste espaço?	Não.

Quadro 4 – Entrevista com a diretora do Asilar.

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Foi muito proveitosa a entrevista com a diretora do Asilar por permitir-nos vislumbrar pontos esclarecedores da pesquisa realizada, principalmente no que diz respeito às limitações dos idosos residentes no Asilar.

5.2 CONVERSANDO COM OS SUJEITOS DA PESQUISA

De acordo com Moragas (1997), a velhice, resultado do envelhecimento, é vulgarmente considerada como uma realidade que afeta somente uma parte da população. Os idosos se configuram como uma categoria independente do resto da sociedade, separados como grupo com características próprias. É obvio que partilhem de características comuns, mas o fato curioso é que esta diferenciação supõe maior separação do resto da sociedade do que a experimentada por outros grupos sociais como crianças, adultos, operários, funcionários públicos dentre outros. De acordo com o autor citado acima, a velhice separa mais os idosos do resto dos concidadãos do que outros atributos cronológicos ou sociais. Suscita reações negativas e não é somente uma variável descritiva da condição pessoal do indivíduo, como a aparência física, o estado de saúde entre outros aspectos.

A rubrica da terceira idade é fundamentalmente empregada nas proposições relativas à criação de atividades sociais, culturas e esportivas. Idoso simboliza, sobretudo, as pessoas mais velhas, “os idosos respeitados”, enquanto terceira idade

designa principalmente os “jovens idosos”, como a representação francesa (VERAS; RAMOS; KALACHE, 1987).

Afora as dificuldades enfrentadas na execução da pesquisa, como as limitações dos sujeitos pesquisados oriundas de sua pouca instrução, limitações especiais, fisiológicas, neurológicas ou físicas, a aplicação das entrevistas foi muito proveitosa em razão de permitir aos sujeitos emitirem suas vozes para fora dos muros do Asilar. Afinal a condição de asilamento já é por si só uma maneira de isolamento e afastamento destes sujeitos dos demais membros da sociedade.

Outras dificuldades que serviriam de barreiras para nossa penetração neste campo de estudo, acabaram servindo de suporte para o entrelaçamento das experiências profissionais e de vida, entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, dentre elas destacamos: linguagem culta x linguagem popular, grau de instrução x formação acadêmica, territorialidade dos sujeitos (capital x interior), classe econômica, interesses pessoais.

Compartilhar com esses sujeitos a perspectiva da extensão universitária enquanto aplicação de projeto proposto pelo CES nos aproximou de suas barreiras cotidianas e permitiu encontrar o melhor caminho para trilhar a pesquisa ora apresentada, a fim de perceber como chegar às respostas para nossas indagações iniciais.

Entender que o processo de crescimento em uma localidade rural, longe do centro urbano, sem acesso a instrução escolar, e fora da formação culta que se pratica nas cidades, faz perceber que estes sujeitos são mais vítimas de um sistema governamental que propriamente terem sido fruto de escolhas pessoais.

Até mesmo aqueles que se encontram doentes, e afora as limitações de nascença, são consequência de uma vida inteira de privações alimentares e de trabalho forçado, bruto, manual e repetitivo, que ocasionou problemas dos mais diferentes como dores em juntas, articulações, coluna, dificuldades de visão, audição e coordenação motora.

Tratamos com sujeitos que são mais do que idosos asilados em um espaço territorial determinado, tratamos com sujeitos que são o produto de um sistema opressor, seletivo e excludente que em cada área social, e de vida das pessoas, determina o que você é, ou será, em virtude de sua condição de vida atual.

Não apenas os idosos, ao que nos detemos, mas os jovens e pessoas em idade madura, são vítimas de um sistema que extrapola o governamental, e adentra

no econômico, que influencia, e motiva, a violência doméstica, o consumo de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, e a formação de mão-de-obra desqualificada e sem perspectivas para o futuro.

Esta parcela de jovens hoje, serão idosos, caso alcancem essa condição, muito mais problemática e dependente, tendo em vista que nem sequer o trabalho na terra lhes foi dado.

Os sujeitos da pesquisa são pessoas que em sua maioria sempre tiveram no trabalho na terra a subsistência e representação social própria, ou seja, por meio de seu trabalho, ou por meio da condição de vida na terra, no campo, foram sujeitos representativos na sociedade em que atuavam.

Quando afirmam que moravam em sítios, esses sujeitos não passam a ideia de pessoas simples, humildes e voltadas para as coisas mais elementares da vida, como a própria subsistência.

Em todos os relatos, ou a vinda para o Asilar foi motivada por fatores de saúde, ou por motivos relacionados ao fator de morar sozinhos e haver a necessidade de companhia para os cuidados que a idade requer, dentre eles uma alimentação balanceada, controlada e em horários certos, a administração de medicamentos e o acompanhamento por parte de equipe médica e técnica de enfermagem, que somente nos centros urbanos, podem ser feitos de forma mais eficiente.

A oralidade é muito presente na forma de comunicação entre estes sujeitos, mesmo porque a sua própria formação acadêmica não permite aos mesmos dispor de outra ferramenta para a captação e repasse de conhecimento, e de informação, que não seja por meio das conversas informais ao longo do dia de relacionamento entre eles.

Não é que estes sujeitos tenham deixado de captar informações, transmitir e nem muito menos produzir, contudo, a forma, execução e transmissão de suas informações seguem padrões e necessidades diferentes daqueles sujeitos que estão imersos em uma sociedade que se interrelacionam com diferentes setores sociais. Imaginemos sujeitos que desde seu nascimento foram aliçados do convívio em sociedade urbana, ficando em comunidades rurais que tradicionalmente tinham o isolamento por condição estrutural.

Também foram coibidos a participar de uma formação escolar formal, tendo ficado apenas com o crescimento de seu conhecimento do senso comum, o que não

é ruim, mas, limitador para estes sujeitos, como se percebe hoje. Desta forma não se cultivou o gosto pela leitura escrita, da busca por informações científicas e nem muito menos da capacidade interpretativa crítica.

Na visão de Moragas (1997), há três concepções de velhice: a cronológica, a funcional e a etapa vital. Nesta última a velhice é a mais equilibrada e moderna. Baseia-se no reconhecimento de que o transcurso do tempo produz efeitos na pessoa, que entra numa etapa diferente das vividas previamente. Esta etapa possui uma realidade própria e diferenciada das anteriores, limitada unicamente por condições objetivas externas e subjetivas.

Com este ponto de vista, a terceira idade constitui um período semelhante ao das outras etapas vitais, como pode ser a infância ou a adolescência, mais estudadas por cientistas naturais e sociais.

Possui certas limitações que, com o passar do tempo vão se agravando, especialmente nos últimos anos da vida. Por outro lado, tem potencialidades únicas e distintas: serenidade, experiência, maturidade, perspectiva de vida pessoal e social, que podem compensar, caso se utilizem adequadamente às limitações desta etapa da vida (MORAGAS, 1997).

A convivência, e relacionamento, destes sujeitos com seus pares ocorre de forma cíclica e repetitiva, mesmo porque, compartilham de mesmo acúmulo de saberes, tendo em vista o seu preceito de formação educacional e vivência em mesma zona territorial, o que não vem a ser estranho.

Contudo, a forma de relacionamento com indivíduos que adentram no Asilar, inicialmente ocorre com estranhamento e distanciamento, mesmo porque as experiências de vidas, e mais ainda, de formação e cultura, são determinantes para que os dois mundos que se encontram choquem-se de tal forma a ocasionar uma barreira que pode parecer intransponível.

Ao passar do tempo, percebe-se que há mais semelhanças que diferenças, entre o mundo exterior ao Asilar, dotado de suportes informacionais dos mais variados tipos com o mundo interior do Asilar, aberto e predisposto aos estímulos advindos de fora. Neste aspecto não apenas o Asilar em seu interior deve estar predisposto a receber os estímulos de fora, como estes últimos, devem estar conscientes da abertura que se faz necessária para compreender e entender os sujeitos asilados.

O fluxo informacional no Asilar ocorre, mas não como se poderia supor ideal, mas, felizmente ocorre. As informações são corriqueiramente baseadas no modo de vida dos sujeitos, e transmitidas, de forma aleatória para aqueles que lá buscarem, ou mesmo entre os sujeitos do Asilar, muito embora, haja repetitividade e desconexão entre o que se transmite e o que se busca como informação. Podemos demonstrar o fluxo informacional no Asilar da seguinte forma:

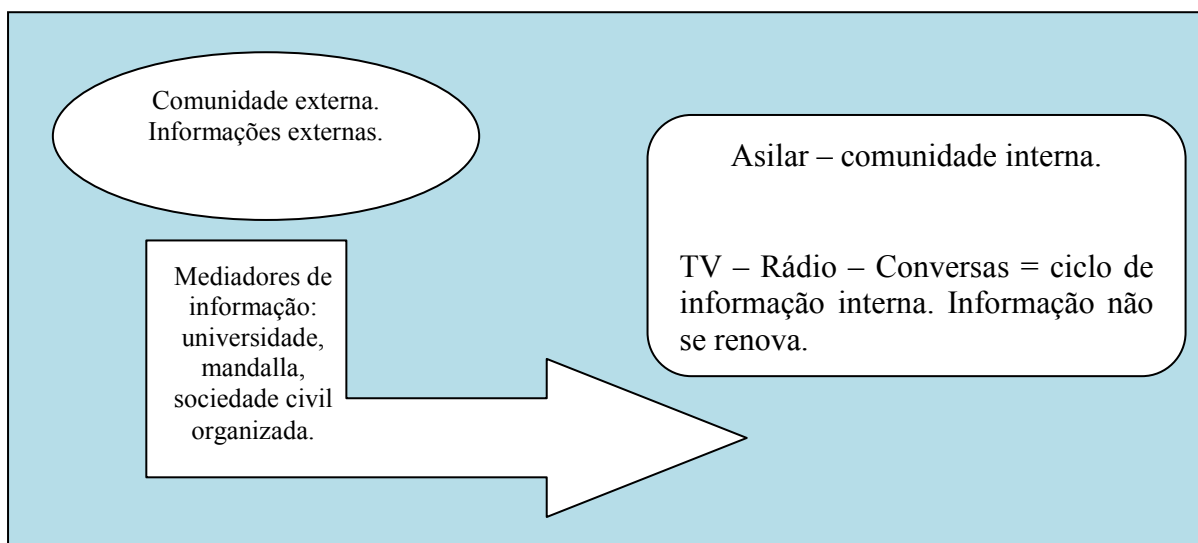


Figura 3 – Fluxo informacional do Asilar.
Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Ou seja, dentro do próprio Asilar, o fluxo informacional dos sujeitos é repetido e cíclico, não se renovando, exceto quando há inserção de dados informacionais advindo de fora do Asilar, da comunidade externa representada pelos seus mediadores como a universidade, sociedade civil organizada, entre outros atores sociais.

Essa condição de repetitividade é imposta pelo isolamento dado com a inserção desses sujeitos no ambiente do Asilar, mesmo porque, como já dito anteriormente, a formação cultural e educacional dessas pessoas não lhes permite a busca de informação em suportes como jornais, revistas, livros, textos, entre outros, ficando atrelado aos próprios pares e por meio da oralidade entre o que já se sabe.

Não identificamos o que ocorre nas práticas informacionais no seu esquema de captação, geração e transferência de informação, mas sim, quando os agentes externos não atuam, há apenas transferência de informação já sabida, sem geração

de conhecimento novo e nem mesmo de conhecimento agregador de valor informacional. Conforme figura a seguir:

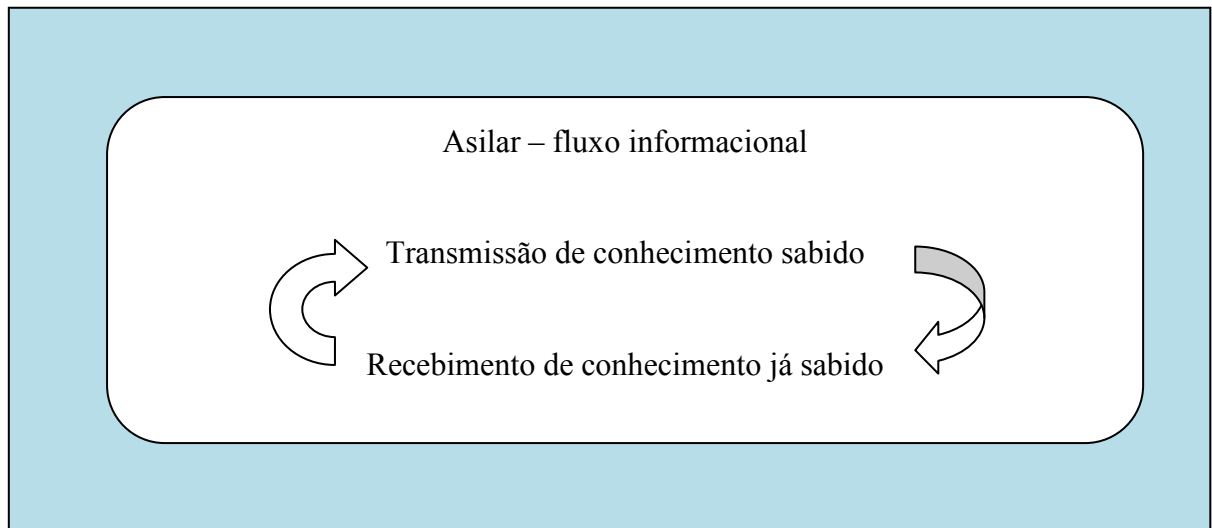


Figura 4 – Fluxo informacional do Asilar entre os idosos.
Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Ademais a debilitação dos sujeitos asilados neste espaço é condição fundamental para inibir sua condição de sujeito gerador de informação, haja vista que há preocupações muito mais evidentes para estes sujeitos que propriamente o recebimento de informações para seu cotidiano, como é o caso de manter-se vivo e/ou aguardar o melhor momento para sua morte.

Estes sujeitos estão, em consequência da vida que tiveram, tão descaracterizados de seu papel social que sobreviver vem a ser a primordial meta para estas pessoas. Muito embora, se obtivessem informação, estariam tendo uma qualidade de vida melhor para o enfrentamento dos dias que se seguem.

Isso não representa que no Asilar não há vias abertas para o recebimento de dados informacionais exteriores, mas o que ocorre é que não há uma inserção externa de setores sociais no próprio Asilar, e quando ocorre, temos a seguinte representação:

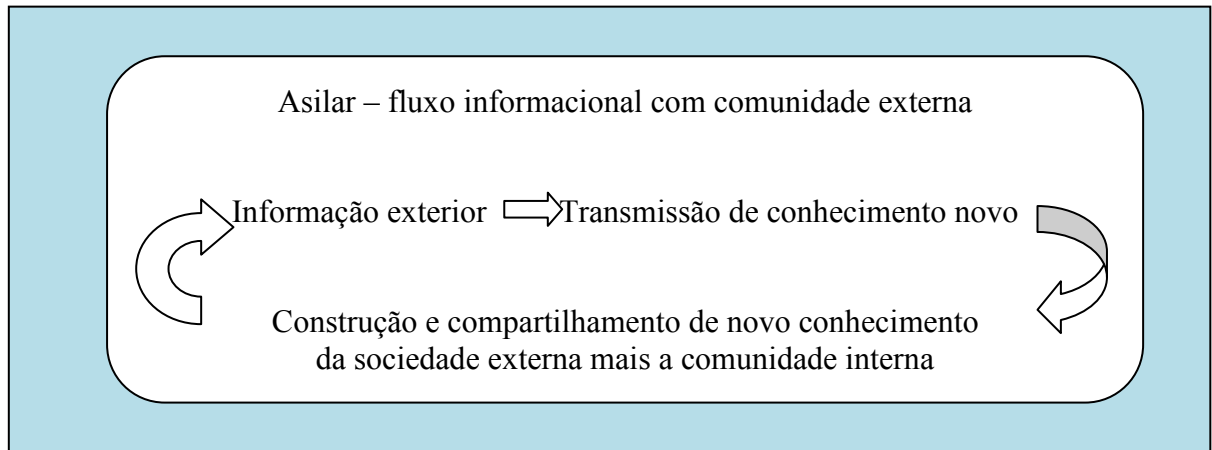


Figura 5 – Fluxo informacional do Asilar com a comunidade externa.
Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Estando a sociedade externa em contato cotidiano, e trabalhando, com a comunidade interna do Asilar, é fato que há uma geração de informação cíclica, renovada e constante. Muito diferente do que ocorre quando não há esta interação, ficando uma informação estanque, parada e sem funcionalidade e ação para os idosos asilados. O ideal seria acontecer no Asilar o que ocorre com o modelo de fluxo de informação descrito na figura 5 e que já mencionamos anteriormente, sem a adaptação que se segue:

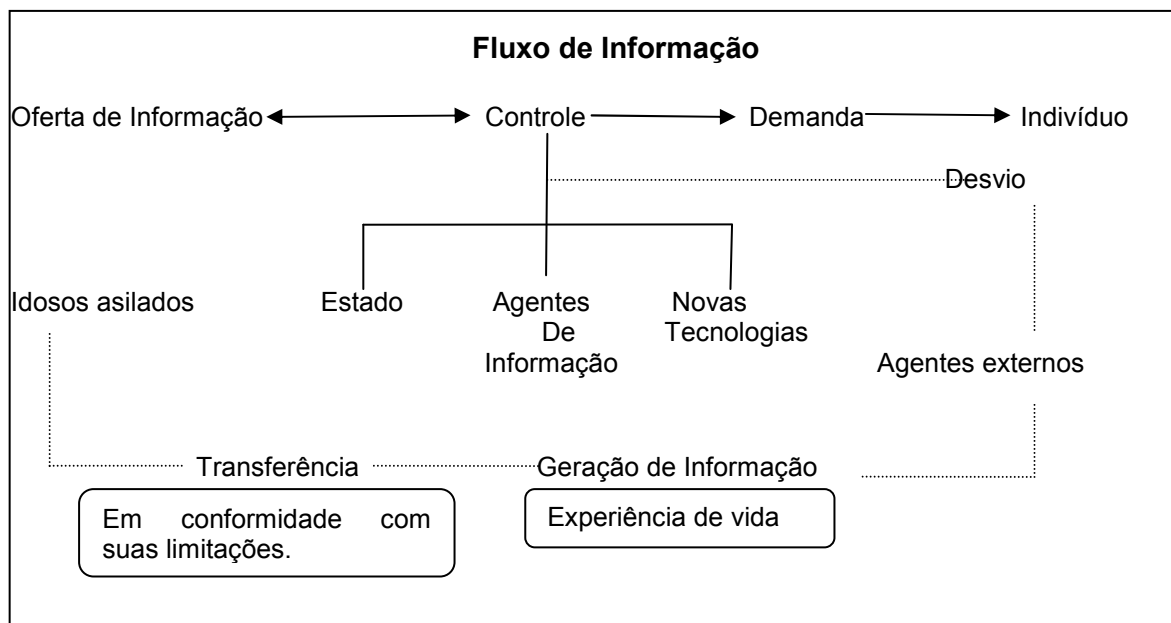


Figura 6 – Modelo do Fluxo de Informação ideal para o Asilar.
Fonte: Modelo adaptado de LOPES (1996).

— Fluxo de informação imposto
----- Fluxo de informação pelas Práticas Informacionais ideal no Asilar

Este é o ponto crucial das PI, onde devemos ter como principal ator o sujeito, já que é dele que se origina a informação, e é para ele que se transmite e repassa informação com o intuito de se construir conhecimento. Mas não temos que ter como cerne a informação preparada e tratada pelos agentes de controle, que no caso, indo em corroboração com o objeto de estudo, advinda de pessoas com interesses ou que não tenham a devida sensibilidade para tratar com os idosos e suas necessidades. Produzindo no Asilar um fluxo informacional, no qual seja mantido, e respeitada, as experiências de vida no ato da geração de informação, que pode ser muito bem uma informação baseada na oralidade, e indo em favor da transferência de informação em conformidade com as limitações e especificidades de cada sujeito neste ambiente, poderemos ter um fluxo informacional ideal para atender as demandas e necessidades informacionais destes sujeitos.

O fato é que na maioria das vezes, as instituições exteriores ao Asilar, e que trazem elementos de informação para auxiliar a gestão administrativa do Asilar, não tem a perspectiva de tratar com os elementos necessários para atender as demandas informacionais particulares e voltadas para esses sujeitos. Mesmo porque não tem essa percepção de tratar a geração e transferência de informação em conformidade com a experiência de vida e limitações desses sujeitos asilados. Para ilustrar, é mais proveitoso que grupos religiosos entendam quais as formas mais eficientes de transmissão da informação religiosa, se por meio de leituras, encenações, ou mesmo gestos, para fazer com que os sujeitos asilados possam compreender, e apreender, ao que se quer transmitir.

No caso da mandalla, outro parceiro exterior do Asilar, que ao construir uma mandalla no local de estudo, transferiu as informações pertinente a manutenção e utilização dos recursos disponíveis, mas, apenas poucas pessoas foram capacitadas, e estão aptas, para tal utilização com o aproveitamento mais eficiente possível dos recursos que este projeto pode beneficiar os sujeitos componentes do Asilar.

A UFCG também deve ser um agente externo que tenha na condução de seus projetos, e ações junto ao Asilar, um olhar voltado para as experiências de vida e limitações dos idosos asilados, com o intuito de não apenas obter êxito na execução de suas ações, mas primordialmente permitir que os sujeitos sejam beneficiados e tenham como objetivo um melhoramento da qualidade de vida e vivência no próprio Asilar.

Enquanto os agentes externos, como os citados, e demais outros, não ter em sua meta de atuação junto ao Asilar a perspectiva dos sujeitos asilados, dificilmente haverá sucesso no fluxo informacional e geração de conhecimento neste aspecto de relacionamento entre agente externo e sujeitos asilados.

Também é fator primordial que a gestão do Asilar tenha a sensibilidade de orientar, e conduzir, os agentes externos para os mesmos focalizarem suas metas dentro deste padrão de abordagem, tendo como foco, sempre, as experiências de vida e limitações dos sujeitos asilados.



Foto 7 – Diretora do Asilar
Fonte: arquivo pessoal.

Capítulo VII- Velhice com sabedoria

6.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trilhar o caminho até aqui, sentimo-nos como o alpinista que chega ao cume do monte, e ver, do alto, a imensidão do horizonte, e percebe o quanto é pequeno perante ao que ainda tem que explorar e conhecer.

Por seu turno, o sentimento de cumprimento do dever é visível, haja vista, termos propiciado ao objeto de estudo uma visibilidade para que outros possam, mesmo que por meio da escrita, saber da realidade em que idosos vivem, distantes não somente de um centro urbano como João Pessoa – cidade dotada de infraestrutura mais adequada às necessidades desta parcela populacional – como também da própria cidade de Cuité, em que estão imersos os idosos pesquisados.

É relevante supor que quanto mais abertura o Asilar permitir aos que circundam-no, mais possibilidades de inserção de novos saberes poderão ocorrer junto ao objeto de estudo. Só desta forma, valerá para a CI o interesse em estudar e permitir que o humano possa destacar-se progressivamente no meio científico, só desta forma, estes seres isolados, e asilados, poderão externalizar seus conhecimentos.

Acredito que a primordial missão da CI é permitir ao pesquisador moldar o elo que aproxima a realidade social externalizada pelas PI e que tanto determinam os papéis sociais, inclusive no que diz respeito à exclusão, ou inclusão, de agentes sociais na tecitura de dada realidade social, econômica, cultural e política de uma comunidade.

O homem é a pedra mestra de sustentação da informação como um todo, pois, por meio deste é que se pode produzir, armazenar e transmitir, sem ter em conta a sua idade, qual seja, mas sim o produto de sua intenção de informar, formar e de ser informado.

Muito embora os sujeitos pesquisados em sua maioria não disponham de condições privilegiadas para manter uma comunicação estável e consciente entre os seus pares, é certo que intimamente os mesmo dispõe de recursos informacionais direcionados a sua experiência de vida, as suas lembranças, aos seus momentos passados, o que vem a ser, também, informação.

Falta que seja estruturado dentro do Asilar um espaço necessário para que estes sujeitos possam, de vontade própria, ter condições de informar-se por meio de

elementos que sejam dos mais variados, podendo vir a ser: música, livros, vídeos, interpretações artísticas, mímica, entre outras.

Pensando nas PI enquanto elemento de inserção destes idosos no seio social, podemos pensar que somente será possível quando os mesmos dispuserem de condições, inicialmente físicas e psicológicas, e em seguida estruturais, de recepção, emissão e maturação de informações relevantes para suas vidas. Esta informação relevante pode ser desde um simples aviso de piso molhado, para evitar uma queda, indo até mesmo à explanação de artigos do estatuto do idoso.

Hoje, no Asilar, não vemos as PI como ferramenta fundamental de inserção da pessoa idosa asilada na sociedade circundante ao mesmo, pelo fato de que as PI não são constantemente aplicadas, apenas quando há inserção de elementos externos ao Asilar.

Contudo, para uma parcela pequena dos sujeitos inseridos no Asilar, vemos que há buscas constantes por informação externa, quando se utilizam do aparelho de televisão e/ou rádio, muito embora, suas limitações não permitam que os mesmos possam realizar esta ação de informar-se constantemente.

No campo pouco explorado, ainda coberto por uma penumbra, quase como uma caixa preta, há ampla possibilidades para a CI atuar junto aos sujeitos asilados, primordialmente, em asilos públicos, por todo o território nacional, vindo a permitir a troca de experiências, conhecimentos e informação para permitir a moldagem de uma nova roupagem para estes sujeitos: a da cidadania por meio da informação.



Foto 8 – Pesquisador e Diretora do Asilar
Fonte: arquivo pessoal.

Referências

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. **A construção social da informação**: práticas informacionais no contexto de organizações não-governamentais/ONGS brasileiras. Brasília, 1998. 221p. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília.

_____. Informação: recurso para a ação política do cidadão? **Encontros Bibli: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 09, p. jun. 2000.

BALDESSIN, A. O idoso: viver e morrer com dignidade. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002. p. 491 – 498.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma quase história da ciência da informação. **Datagramazero** – revista de ciência da informação, v.9, n.2, p.1-18, abril, 2008.

BARRETO, Ângela Maria. Informação e conhecimento na era digital. **Transinformação**, Campinas, v.17, n. 2, p.111 – 122, maio/ago. 2005.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Velhice na contemporaneidade. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **FAMÍLIA e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. (Família, geração e cultura). p. 13 - 23.

BATALHA, Elisa et al. Novos velhos desafios. **Revista de manguinhos**, Rio de Janeiro, dez. 2010, p. 24 – 31.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990;

BEE, Helen. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BERGER, Louise & MAILLOUX-POIRIER, Danielle. **Pessoas idosas**: uma abordagem global – processo de enfermagem por necessidades. Lisboa: Lusodidacta, 1995.

BIRMAN, J. O futuro de todos nós. Temporalidade, memória e Terceira Idade. **Estudos em Saúde Coletiva**. n. 86. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, maio 1994.

BOAIMAIM, Elia. **Tornar-se transpessoal**. São Paulo: Summus, 1999.

BOECHAT, N. S. Institucionalização. **Arq Ger e Geront**. SBGG/RJ, vol.0, nº 0, 1996.

BORKO, H. Information science: What is it? **American Documentation**, v. 3, n. 5, 1968.

BRASIL. Decreto nº 8842 de 04.01.94 - Diário Oficial, Brasília / DF, ano CXXXIV, nº128 , 04.07.94;

BROOKES, Bertram C. The foundations of information science. **Journal of information science**. Amsterdã. New York, 1980. V. 2.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5., 2003. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Pós-modernismo e informação: conceitos complementares? **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 63- 79, jan/jun. 1996.

CHOPRA, Deepak. **Corpo sem idade, mente sem fronteira**: a alternativa quântica para o envelhecimento. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. (Arco do tempo)

COMFORT, Alex. **A boa idade**. [s.l.]: [s.e.], 1977. Ilustrado por Michael Leonard – (Tradução de Nelson Pujol Yamamoto).

CORREIA, Tânia Maria da Silva. **Lemba odu**: práticas informacionais no contexto do Movimento Negro na cidade de João Pessoa-Pb. João Pessoa. 1999. 173p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba.

COURY, Helenice Jane Cote Gil. Satisfação no trabalho e satisfação na vida: questões teóricas e metodológicas. In: **Qualidade de vida e idade madura**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1999. p. 139 – 201. (coleção vivacidade)

CRONIN, Blaise. The sociological turn in information science, **Journal of information science**, v. 34, n.4, p. 465 – 475, 2008.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2006.

FRANÇA, Carla. Deu branco, e agora? **Você s/a**, São Paulo, março 2011, p. 94 – 97.

FREIRE, Bernardina Maria Juvenal. **Paixão de (in)formar**: práticas alfabetizadoras no programa tijolo sobre tijolo – projeto Escola Zé Pião em canteiros de obras. João Pessoa, 1999. 283p. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectiva em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6 – 19, jan/abr. 2006.

_____. **Comunicação da informação em redes virtuais de aprendizagem**. Rio de Janeiro, 2004. 175 p. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Escola de comunicação.

FREIRE, Isa Maria. **A responsabilidade social da ciência da informação e/ou olhar da consciência possível sobre o campo científico**. Rio de Janeiro, 2001. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Escola de comunicação.

_____. Informação, consciência possível, campo. Um exercício com construtos teóricos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n.1, p. 133-142, jan/abr de 1995.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. **Aula expositiva sobre “responsabilidade social”**. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Disciplina Ética, Gestão e Políticas de Informação. No dia 27 de agosto de 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994

GOMES, Jesiel Ferreira; CASTRO, Rachel Barbosa de. Campo de trabalho do profissional da informação: biblioterapia para idosos. **Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, documentação e ciência da informação**, Brasília, 2007.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da informação**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 17–22, set/dez. 1993.

_____. Metodologia de pesquisa no campo da ciência da informação. **DataGramaZero**: revista de ciência da informação, v. 1, n. 6, dez. 2000.

_____. Escopo e abrangência da ciência da informação e a pós-graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31 – 43, jan/abr. 2003.

_____. A informação como instância de integração de conhecimentos, meios e linguagens. Questões epistemológicas, consequências políticas. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill (org). **Políticas de memória e informação**: reflexos na organização do conhecimento. Natal: EDUFRN, 2006. p. 29 – 84.

HABERMAS, Jurgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HAGUETTE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

IZQUIERDO, Ivan Antonio. É bom lembrar e esquecer. In: FRANÇA, Carla. Deu branco, e agora? **Você s/a**, São Paulo, março 2011, p. 97.

LOPES, Sonia Aguiar. **A teia invisível**: informação e Contra-informação na redes de ONGS e movimentos sociais. 1996. 296p. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Eco / UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli, E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99p.

MARTELETO, Regina Maria e RIBEIRO, Leila Beatriz. **Conhecimento e novas práticas informacionais nas ações político-pedagógicas de organizações não-governamentais**. (s.l.): (s.e.), 1990?

_____. Práticas de informação no ambiente escolar. **Ciência da informação**, Brasília, n.18, v.02, p. 207-214, jul/dez de 1989.

MARTELETO, Regina Maria. **Cultura, educação e campo social**: discursos e práticas de informação. 1992. 350 f. Tese (Doutorado em comunicação), Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da informação**, Brasília, v.24, n.1, p.89-93, jan/abr de 1995.

_____. Informação: elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno? **Ciência da Informação**, v. 16, n. 2, p. 169 – 180, jul / dez. 1987.

McGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Brinquet de Lemos, 1999. 206p.

MORAES, Myriam Lins de Barros. **Velhice ou Terceira Idade?** 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

MORAGAS, Ricardo Moragas. **Gerontologia Social**: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997. (Sociologia Atual).

MOTA, E. **Envelhecimento social**. Rio de Janeiro, CBCISS, nº 230, ano XXII, 1990; Coleção Temas Sociais.

NERI, Anita Liberalesco (org). **Qualidade de vida e idade madura**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1999. (Coleção Vivacidade).

NEVELING, U.; WERSIG, G. **Os fenômenos de interesse para a ciência da informação**. 1975. Disponível em: <<http://www.alvarestech.com/lillian/GestaoDaInformacao/Rogério/WersigNeveling.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2010.

PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento humano**. 7. ed. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Processos diferenciais de envelhecimento. In: _____. **FAMÍLIA e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. (Família, geração e cultura). p. 09 – 12.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **A ciência da informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 278p.

REZENDE, Jofre M. de. **Asilo de idosos (2002)**. Disponível em: <<http://www.usuarios.cultura.com.br/jmrezende/idoso.htm>>. Acesso em: 15 out. 2010.

SALGADO, Sebastião. **Livro terra**. São Paulo: Schwarcz, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 2 n. 2, p. 46-71, 1988.

SILVA, Armando Malheiro da. **A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SIMÕES, Regina. **Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso**. 3. ed. Piracicaba: Unimep, 1998.

SINESIO, Neila Barbosa Osório. **Universidade da melhor idade: uma proposta salesiana para idosos**. Campo Grande: UCDB, 1999.

SOUSA, Maria Isabel de Jesus. **Espaço de práticas informacionais: a experiência da Biblioteca da Escola-Parque, projeto de Anísio Teixeira em Salvador, Década de 60**. 2001. 129p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CCSA / UFPB, João Pessoa, 2001.

TARGINO, M. das G. Biblioteconomia, informação e cidadania. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 149 a 160, jul./dez. 1991.

TEIXEIRA, Cláudia Hlebetz. **Interpretando o fenômeno da informação**: um estudo dos universos informativos como universos de narração. 1993. 104p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) –Eca / UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

THIOLLENT, Michael Jean-Marie. Aspectos qualitativos da metodologia da pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 49, p. 45-50, maio 1984.

VECHIATO, Fernando Luiz. **Repositório digital para a terceira idade sob o olhar da arquitetura da informação**: um enfoque à inclusão digital e social de idosos via tecnologias de informação e comunicação. Marília - SP, 2010. 178 p. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista.

VERAS, R. P; RAMOS, L. R. e KALACHE, A. Crescimento da População idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo. n. 21, ano 3, p. 225-33, 1987.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VIEIRA, Eliane Brandão. **Manual de gerontologia**: um guia teórico – prático para profissionais cuidadores e familiares. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

WERSIG, G. Information Science: The study of postmodern knowledge usage. **Information Processing and Management**, v. 29, n. 2, p.229-239, 1993.



Foto 9 – Idosos residentes no Asilar
Fonte: Arquivo pessoal.

Apêndices

Apêndice A – Certidão do comitê de ética

Apêndice B – Instrumento de coleta de dados**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Tomando por base a necessidade de elaboração de uma dissertação para a conclusão de curso de pós-graduação em ciência da informação, venho por meio deste solicitar a vossa participação na presente pesquisa a fim de servir de base para a coleta de dados que nos subsidiar à elaboração da dissertação. Asseguro que as informações prestadas aqui serão de utilidade apenas acadêmica, conforme termo de livre consentimento.

I – Identificação dos sujeitos pesquisados

a) Gênero: M (☐) F (☐)

b) Idade:

Entre 41 e 50 anos (☐)

Entre 51 e 60 anos (☐)

Entre 61 e 70 anos (☐)

Se maior ou igual a 71 anos qual idade: _____

c) Instrução escolar: _____

d) Tempo que reside no ambiente de asilo

Menos de 1 ano (☐)

Entre 1 e 2 anos (☐)

Entre 3 e 4 anos (☐)

Mais de 4 anos (☐)

e) Renda mensal

(☐) não tem (☐) até 1 salário (☐) Entre 2 e 3 salários (☐) Mais de 3 salários

f) Tem filhos?

(☐) Sim (☐) Não

Se sim, quantos? _____

II) Do objeto de estudo

g) Antes de vir para este lugar, aonde você residia?

h) Sua vinda para cá foi motivada por qual motivo?

j) Para obter informação você utiliza-se de que canal: conversas, televisão, rádio, jornal, ou outro?

k) Qual o assunto que mais lhe agrada compartilhar com os demais sujeitos desta instituição?

l) Você costuma falar dos assuntos que ouve ou ler para os demais sujeitos desta instituição?

m) Você tem alguma sugestões e/ou críticas que possa melhorar a comunicação dentro desta instituição?

Apêndice C – Instrumento de coleta de dados com a diretora

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Tomando por base a necessidade de elaboração de uma dissertação para a conclusão de curso de pós-graduação em ciência da informação, venho por meio deste solicitar a vossa participação na presente pesquisa a fim de servir de base para a coleta de dados que nos subsidiar à elaboração da dissertação. Asseguro que as informações prestadas aqui serão de utilidade apenas acadêmica, conforme termo de livre consentimento.

Como é de seu conhecimento, este é um trabalho acadêmico, para o mestrado da UFPB. Eu gostaria que a senhora relatasse mais especificamente questões do Asilar, a senhora pode até dizer que é diretora do Asilar [...] qual a sua função no Asilar, é diretora, é coordenadora?

Há quanto tempo esta nesta função?

Como está composta a distribuição dos gêneros no Asilar?

Por favor, relate-me um pouco da história do Asilar, de sua fundação aos dias atuais.

Quais são suas maiores dificuldades na execução de seu trabalho no Asilar?

Mediante os meios de captação de informação para os idosos, mesmo tendo diferentes limitações, desde neurológicas, fisiológicas e intelectuais, como a senhora avalia o fluxo informacional no Asilar?

Para a Senhora seria interessante haver um canal de informação externa para o Asilar?

O fato da cidade dispor de um campus universitário, faz com que o Asilar disponha de um canal de informações que podem beneficiar o Asilar?

Em sua opinião a instalação de um canal de informação fixo no Asilar, como uma sala de leitura, musicoteca, entre outros, viria a ser de grande utilidade para os idosos?

Haveria alguma crítica ou sugestão para acrescentar ao trabalho ora desenvolvido neste espaço?

Apêndice D – Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre Práticas informacionais e velhice: análise do fluxo informacional dentro de asilo na cidade de Cuité e sua contribuição para inclusão da pessoa idosa e está sendo desenvolvida por mim, Jesiel Ferreira Gomes, mestrando do Curso de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Isa Maria Freire.

Os objetivos do estudo são Analisar as práticas informacionais na Velhice institucionalizada, a partir do fluxo informacional, dos idosos que vivem no Asilo da cidade de Cuité-PB.

A finalidade deste trabalho é contribuir para inclusão da pessoa idosa asilada por meio de sua inserção no contexto social através do fluxo informacional gerida por esses sujeitos.

Solicitamos a sua colaboração para participar da entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde, e ciências sociais, e eventualmente publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)

Espaço

scópica

Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador Responsável:
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador
Endereço (Setor de Trabalho): Biblioteca do CES – Campus da UFCG – Cuité – PB.
Telefone: (83) 3372 – 1900 ou 9914 – 3644
Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Apêndice E – Folder da pesquisa

CURRÍCULOS

Dra. Isa Maria Freire (orientadora)

Graduada em Ciências Sociais, com mestrado e doutorado em Ciência da Informação. Iniciou sua carreira acadêmica em 1995 como professora no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio IBICT - UFRJ. Professora no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É editora da revista Informação e Sociedade: Estudos e editora chefe da revista Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia. Líder do Grupo de Pesquisa Informação e Inclusão Social, certificado pela UFPB. Presidiu o X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (2009) e o I Simpósio Brasileiro de Ética da Informação (2010), realizados em João Pessoa. Visite: www.isafreire.pro.br.

Mestrando Jesiel Ferreira Gomes (orientando)
Possui graduação em BIBLIOTECONOMIA pela Universidade Federal da Paraíba (2000). Especialização pelo Senac em Educação a Distância (2007). Mestrando em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba, com previsão de término para o ano de 2011. Atualmente é bibliotecário - documentalista da Universidade Federal de Campina Grande. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em

Ciência da Informação, também atuando na área de educação, arquivologia e atendimento a pessoas idosas com a biblioterapia.

Contatos com o pesquisador:
Jesiel Ferreira Gomes
Rua Alcides Souto, 23 – Jardim Planalto
(83) 3372 – 1296
(83) 9914 – 3644
jesielgomes@ufcg.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS

**Ciência da
Informação**

Programa de Pós-Graduação



Pesquisa de Pós-graduação em:

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS E
VELHICE: análise do fluxo
informacional dentro de asilo na
cidade de Cuité e sua contribuição
para inclusão da pessoa idosa**

**Orientadora Prof. Dra. Isa Maria
Freire**

APRESENTAÇÃO

Tendo por finalidade a realização de uma pesquisa que será utilizada para conclusão de curso de pós-graduação, em nível de mestrado, para a área da ciência da informação, vimos apresentar tanto os propósitos desta pesquisa como também o programa, a fim de que se possa vislumbrar com maior foco ao que pretendemos.

A PESQUISA

OBJETIVOS

Geral

Analisar às práticas informacionais dos idosos que vivem em ambiente de asilo na cidade de Cuité-PB.

Específicos

Caracterizar o ambiente de asilo em estudo;
Descrever os sujeitos da pesquisa (Idosos) quanto as variáveis sócio-demográficas;
Conceituar às Práticas Informacionais (geração, recepção, transferência), como sendo insumo para a cidadania do Idoso que vive em ambiente de asilo;
Identificar o fluxo informacional do ambiente de asilo em estudo;
Identificar e trabalhar com um modelo de gestão da informação.

JUSTIFICATIVA

Interessamo-nos por este tema no campo de pesquisa ora proposto, desde o momento em que iniciamos o trabalho de extensão em um ambiente de asilo na cidade de Cuité - PB, por meio do Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e da biblioteca o CES, da qual sou o responsável, no ano de 2006 com o projeto Biblioterapia e Terceira Idade: a função terapêutica da leitura em idosos asilados na cidade de Cuité – PB como ferramenta de inclusão social, com o qual percebemos o quanto estes sujeitos estão margeados à realidade da sociedade que os circundam, o quanto estão excluídos do processo informacional e de cidadania, tão necessário para sua permanência em sociedade, de maneira silenciosa e branda, mas nem por isso, menos cruel.

A INFORMAÇÃO

Mais do que entender, ou querer explicar, fenômenos sociais advindos da ação humana em convívio social, temos que a informação é um produto que nos dias atuais permeia, e determina, os tipos de contratos sociais existentes, ou seja, as relações sociais nas quais os sujeitos serão atores protagonistas ou meros coadjuvantes. De outra forma, a informação é insumo de estímulo e responsável pela conseqüente evolução da sociedade humana, ao tempo que se evolui em concomitância com essa.

O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Coordenadora: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

Vice-coordenador: Edvaldo Carvalho Alves

Para incremento dos objetivos de implantação de uma nova pós-graduação em Ciência da Informação, foram incorporados mais três docentes, doutores, contratados por concurso público. No que refere à produção acadêmica destaca-se que desde 1991 publica-se a revista Informação & Sociedade: Estudos (I&S) que se mantém até os dias atuais, em mídia impressa e eletrônica, disponibilizando todos os números no portal da CAPES e no sítio www.ies.ufpb.br. Afirma-se, com respaldo em dados da tese defendida pelo Professor Doutor Guilherme Ataíde Dias junto a Universidade de São Paulo que, I&S é o segundo periódico mais consultado pelos cursos brasileiros da área da Ciência da Informação. Com relação à retomada de um curso de pós-graduação, os professores que fazem o Departamento de Ciência da Informação (DCI), denominação vigente a partir de 30 de Julho de 2007, tem responsabilidade efetiva e de ação junto ao projeto do PPGCI Nesse sentido todos os esforços foram envidados, até que em 14 de julho de 2006, o Comitê Técnico Científico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), formalizou a aprovação do APCN, autorizando o funcionamento do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, em nível de mestrado, que inicia suas atividades em março de 2007, com uma turma de 15 alunos.